

*Manuscrita* # n. 25 • 2013  
Caderno Especial de Tradução

# *A Fábrica do Pré-Prado*

Francis Ponge

*Tradução* • Ignacio Antonio Neis • Michel Peterson

*com a colaboração de Ricardo Iuri Canko*

*Prefácio* • Álvaro Faleiros

*Texto introdutório* • Michel Peterson

## Um Prefácio ao Pré-prado

Álvaro Faleiros

O movimento (a emoção) que se produz  
em nós (que elas - as coisas - suscitam  
em nós) e que nos faz ao mesmo tempo  
*re-conhecê-las como semelhantes ao seu  
nome e conhecê-las (com surpresa), i. é,  
descobri-las como diferentes do seu nome,*  
que nos faz, por conseguinte, desejar  
*nomeá-las melhor, “traduz”-se, na verdade,*  
por *uma atenção redobrada ao seu nome...*

Francis Ponge

A publicação da *La fabrique du pré* em português é certamente um acontecimento, não só pela importância do livro para a poética de Ponge, mas pelo fato de ser mais um trabalho de Ignacio Antonio Neis e de Michel Peterson, tradutores centrais para a circulação de Ponge no Brasil – basta lembrar suas monumentais traduções de *A mesa* (2002) e de *O partido das coisas* (2000), ambas publicadas pela editora Iluminuras.

Uma vez mais, os tradutores mergulham no audacioso projeto escritural de Ponge, que, como aponta Bernard Beugnot, na introdução às suas Obras Completas da *Pléiade*, se debruça sobre o grande problema poético que é o da metamorfose da linguagem. Em *La fabrique du pré*, a exposição do processo de escritura devém escritura exposta em processo, apontando para a precariedade de qualquer estabilização do sentido.

O exercício de re-escrita que, em Ponge, con-funde-se ao da própria escrita, ganha mais um desdobramento interessante ao dinamizar-se no processo de reescrita interlingual que é a tradução aqui em jogo. Ao trazer *La fabrique du pré* para o português, os tradutores exploram o movimento linguageiro pongeano já no modo como traduzem o título do livro: *A fábrica do pré-prado*. Esse processo corresponde a um projeto tradutório que interpreta a tradução como “mudança de valência”. No texto “da deciptação à recriptação d’*A mesa*”, incluído no referido volume d’*A mesa*, os tradutores chamam a atenção para o fato, por exemplo, de que, naquele texto de Ponge, “a palavra *table* nem sempre, nem quase sempre, remete ao móvel que designamos como *mesa*”; o mesmo ocorrendo com o termo *pré*, neste dossiê de escritura.

Encarar a polissemia de *pré*, explodindo-a, desdobrando-a já no título surge como um modo eficaz de se relacionar com o discurso altamente metadiscursivo de Ponge. O texto de Ponge se quer e se faz um canteiro onde é a própria escrita que se encena e, aqui, se dá a ver como lugar multiplicado, pois *pré* é prado e é também “pré”, anterioridade. A partir de então este será um fio que exigirá do tradutor uma tomada de posição a cada enunciação do *pré*, pois o que interessa na poética pongeana é, justamente, a mudança de valência.

Assim, na parte intitulada “As sendas da criação”, que abre o dossiê, os tradutores escolhem “prado” na sentença “optarei por expor minhas notas *sobre o prado*.” A primeira aparição de “*pré*” é como “prado”, talvez com o intuito de mostrá-lo como espaço de onde o texto surdirá, pois é “prado” também a segunda e última aparição de “*pré*” em “As sendas da criação”, de fato, um texto datado de 1970, posterior à “versão definitiva do *Pré*”, publicada em 1967, esta sim, nomeada de “Pré-prado”.

Interessante notar que a mudança de valência leva, já no início do dossiê, a uma tripla interpretação de *pré*, uma vez que este é traduzido inicialmente como “prado”, em seguida como “pré-prado”, para também persistir como “*pré*” na referência à “versão definitiva”. Essa tripla escolha atribui claramente um valor distinto a cada lugar enunciativo. A posição enunciativa de “As sendas” é compreendida dentro do jogo semântico da imagem do “prado”, cabendo ao “pré-prado” nomear o dossiê “estabilizado” em 1967 em sua recriação brasileira; já à forma “*pré*”, destacada em itálico, cabe a posição de “versão definitiva”.

Este cuidado por parte dos tradutores perpassa todo o dossiê. Já na primeira parte deste se lê:

*L’oiseau qui le survole en sens inverse de l’écriture  
Nous rappelle au concret, et sa contradiction,  
Accentuant du pré la note différentielle  
Quant à tels près ou prêt, et au prai de prairie,  
Sonne brève et aiguë comme une déchirure  
Dans le ciel trop serein des significations.  
C’est qu’aussi bien, le lieu de la longue palabre  
Peut devenir celui de la décision.*

Ora, como transpor a multiplicação de homofonias em torno de [pre]? Os tradutores respondem:

O pássaro que o sobrevoa em sentido inverso ao da escrita  
Chama-nos de volta ao concreto, e sua contradição,  
Acentuando do pré-prado a nota diferencial  
Quanto a certos près-perto ou prêt-pronto, e ao prai de prairie-pradaria,  
Soa breve e aguda como um dilaceramento  
No céu demasiado sereno das significações.  
É porque, também, o lugar do longo palavreado  
Pode tornar-se o da decisão.

Multiplicando o jogo pongeano, os tradutores decidem: o lugar de “*près*” é também o de “perto”, sem que a matriz seja ocultada na língua de chegada, do mesmo modo que o de “*prairie*” é “pradaria”, e o de “*prêt*”, “pronto”. O dilaceramento expõe a fratura das línguas para abalar “o céu demasiado sereno das significações”. Os tradutores, aliás, optam por não destacar, em itálicos por exemplo, os termos fraturados, pois, se os mesmos podem soar estranhos ao código linguageiro em voga, na dinâmica da escrita pongeana, e em sua recriação brasileira, o regime é o do dilaceramento, que deságua do supostamente concreto à sua contra-dicção. O trabalho assim efetuado corresponde ao que Walter Benjamin, em sua “Tarefa-renúncia do tradutor”, enuncia, pois, destaca o crítico alemão [na conhecida tradução de Susana Kampff Lages], “a tradução deve, ao invés de procurar assemelhar-se ao sentido do original, ir reconfigurando, em sua própria língua, amorosamente, chegando até os mínimos detalhes, o modo de designar do original”<sup>1</sup>.

Um pormenor. Lê-se, ainda no texto de abertura do Pré-prado:

*Parce qu’il s’y agit plus d’une façon d’être  
Que d’un plat à nos yeux servi,*

<sup>1</sup> Benjamin, Walter. “A tarefa-renúncia do tradutor”. In: Heidermann, Werner (org.). *Clássicos da teoria da tradução*, Florianópolis, UFSC/NUT, 2001, p. 207.

*La parole y convient plutôt que la peinture  
Qui n'y suffirait nullement.*

*Prendre un tube de vert, l'étaler sur la page,  
Ce n'est pas faire un pré.  
Ils naissent autrement.  
Ils sourdent de la page.  
Et encore faut-il que ce soit page brune.*

Refeito assim em português:

Porque se trata aqui mais de um modo de ser  
Que de um prato a nossos olhos servido,  
Para tanto a palavra convém mais que a pintura  
Que em absoluto não bastaria.

Pegar de uma bisnaga de verde, espalhá-lo sobre a página,  
Isso não é fazer um prado.  
Eles nascem de outra forma.  
Eles surdem da página.  
Porém é preciso que seja página parda.

O mágico do traduzir: brota, no texto em português, o eco do “prado” na página “parda” [brune], e ainda, de bandeja, serve-se, aos olhos e ouvidos do leitor brasileiro, o “prato” [plat], re-feito em seu modo de ser.

Enfim, se por um lado o “*pré*” em itálico, posiciona a enunciação em seu lugar de “versão definitiva de 1967”, o “prado”, por outro, re-posiciona o dossiê, abrindo-o a outras sendas, mas de acordo com o “modo de designar” pongeano, fazendo com que o poema soe “*Pré, paré, pré, prè, prêt*”, ou melhor, “Pré, aparado, prado, perto, pronto,” ainda que em obras...

## O estabelecido do Prado<sup>1</sup>

Michel Peterson  
clarice@videotron.ca

<sup>1</sup> Texto traduzido por Philippe Willemart e revisto por Yuri Cerqueira dos Anjos.

*Infernal multiplicação de substância na ocasião de cada ideia!  
Cada desejo de fuga me sobrecarrega com um nono elo!  
(Francis Ponge, “Fauna e flora”, O partido das coisas)*

Mais um pouco, e me deixaria seduzir pela escritura de uma continuação de *A Fábrica do Prado* como apresentação. Hesitando há meses entre o prólogo, o prefácio, a introdução e a nota, opto, finalmente, hoje – neste 31 de julho de 2013, em Montréal –, não por uma exposição sistemática, mas por um esboço quase não lapidado, em suma uma espécie de rascunho, que, se ele recai numa certa forma de mimetismo, talvez de maneira um pouco plana, encontra, no entanto, o seu volume numa extensão limitada, o que me parece mais que desejável nesta circunstância.

Quero dizer com isso que a publicação – várias vezes adiada – da tradução a seis mãos deste texto capital – capital no sentido original que Ponge tira dele, isto é, o prefixo dos prefixos, fantasma originário da origem – implica uma história que eu chamaria, neste contexto, de longa duração ou, dito de outra maneira, uma fabricação de fôlego.

A primeira “apresentação” deste texto em língua portuguesa foi em dezembro de 1997 quando da defesa de dissertação de mestrado em Letras de Ricardo Iuri Canko, no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Porto Alegre. A dissertação, que se intitulava *O “cratilismo” de Francis Ponge na prova da tradução*, colocava uma pergunta fundamental: a teoria, oposta àquela do arbitrário do signo, segundo a qual os nomes tem um laço natural e direto com sua significação, sobrevive à tradução? Gérard Genette, em *Le parti pris des mots*, o sustenta e cai na armadilha montada por Ponge desde *Le parti pris des choses*. Mas se a famosa coletânea induzir a esse mal entendido, muito cedo, já com *La rage de l’expression*, as coisas se complicam e a relação entre o som e a significação se mostra contrariada pelos poemas-objogos que fazem da metáfora o deslocamento mesmo deste privilégio da *phonè*. Ainda que Rimbaud, em *Voyelles*, tenha podido tentar traduzir um dos mais velhos sonhos metafísicos da concordância entre a língua e a realidade, isso não importa, é seu problema; mas desse pão Ponge não come. Seus aforismas às vezes cortantes – como, por exemplo, no *Le Pré*, no qual o naos encontra sua saída em “O órgão original falou longamente”, não cessando todavia de se afastar quando nos aproximamos – nos fazem entender que a assinatura, no sentido que Derrida pôde sublinhar, vem confundir o veredito das coisas, já que a linguagem – o Verbo na sua tessitura oracular – tumultua impiedosamente o sentido de cada palavra desde que um sujeito se lança na fala ou na escrita e se encontra falado ou escrito. Porque a coisa, como diz o filósofo, “não é somente do que se fala, mas o que não é necessariamente mudo, sem palavra: a coisa fala e faz falar”.<sup>2</sup> *La Fabrique do pré* propõe com efeito uma tempestade, própria a raptar, “a nos fazer jubilar” numa “espécie de impulso violento” (22 de dezembro de 1963 e 15 de janeiro de 1964). Desse “rapto”, dessa “sublevação”, dessa alegria, Derrida foi desde sua adolescência a presa, como lembra seu biógrafo Benoît Peeters, a ponto de seguir na sua obra um princípio de expansão infinita.<sup>3</sup>

Voltemos.

Na sua dissertação, Ricardo propunha seis Cadernos para nossa leitura, o primeiro expondo as modalidades de tradução que ele adotava de partida, a saber, que a diferença entre *mimèsis* e

<sup>2</sup> Seminário *La bête et le souverain*, volume II (2002-2003). Paris: Galilée, 2010, p. 180.

<sup>3</sup> Peeters Benoît. *Trois ans avec Derrida. Les carnets d’un biographe*. Paris: Flammarion, 2010, p. 166.

*poïesis* permite ordenar o funcionamento da produtividade pongiana, “infernai multiplicação de substância”, sem cair numa mimologia articulada a uma dicotomia significado-significante. Seguem, portanto, após alguns rascunhos, os Cadernos do *Gymnaste*, da *L’Huître*, da *L’Araignée*, de *La Table* e enfim, do *Pré*.

Desta vez, prolongando e retomando com ele seu trabalho, tocando um órgão com três teclados, revisamos durante vários anos os traçados e seguimos a edição da *Pléiade* por Bernard Veck e não aquela publicada em 1971 pelas edições de arte Albert Skira (salvo a parte intitulada *O Pré-Prado*, que faz, de fato, parte destas últimas). Antes desta edição, uma edição dita “definitiva” (embora se saiba toda a ambiguidade, até a ironia, que comporta este último termo no poeta) tinha saído em *Nouveau recueil* (Gallimard, 1967, p. 201-209), após um primeiro exemplar ter sido acolhido no número 31 da revista *Tel Quel*, no verão de 1964. Após a edição nos Estados Unidos em 1979 feita por Lee Fahnestock (Columbia & London, University of Missouri Press), esta tradução integral é, portanto, a segunda – a revista alemã *Akzente* publicou, no número 35 (1988, p. 105-128), trechos traduzidos e comentados por Gerd Henniger.

Na medida em que não convém analisar mesmo superficialmente esse imenso dossiê de escritura, citarei Bernard Veck, que, na notícia introdutória à sua edição na *Pléiade*, situa muito bem a extensão da Coisa que faz contar causos:

A publicação de *La fabrique do pré* se inscreve nas numerosas rupturas arriscadas por Ponge durante a construção de sua obra, em resposta à ameaça de fechamento – sempre muito sentida – que fariam pesar sobre elas categorizações redutoras, ainda que a sua significação, sempre incerta, vacilante ou contraditória, pudesse ser questionada por um momento, de um texto, de um livro para outro. Também obcecado pelos perigos da afasia e por aqueles da *copia verborum*, pela perfeição (duvidosamente) milagrosa da linguagem poética e pela autenticidade laboriosa das tentativas expressivas, seduzido pelo oráculo infalível e definitivo, mas garantido pelo equilíbrio alcançado através de erros sucessivos, o escritor encontra satisfação na tradição do poema em prosa, enquanto multiplica os experimentos: ele não parou, desde *La Rage de l’expression*, de exhibir alternadamente diários poéticos, fragmentos de dossiês genéticos e textos considerados concluídos. Oferecendo a edição de um monte de rascunhos, *La Fabrique* empurra a lógica da revelação do trabalho da escrita, na qual a vanguarda não tinha sequer se arriscado.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Ponge, Francis. *Œuvres complètes*, vol. II, Paris, Gallimard, “Bibliothèque de la Pléiade”, 2002, p. 1517-8.

Levada ao limite? Eu não tenho certeza já que *La Table*, publicada em português por nós, irá ainda muito mais longe na tremulação, agravará o quadro, inserindo no dossiê, como se fosse o jogo do acaso, tal nota de papel timbrado ou tal lista de expressões para testar. Exibicionista, Ponge? Sucumbirá ele ao recalque como o pequeno Hans? O que ele procura dar a ver? Assim formulada, a questão quer menos colmatar o buraco do que abrir o campo do Outro na medida em que ela acusa a mais-valia do olhar no ato da leitura. Lendo, o leitor de Ponge entra numa estranha relação de objeto: ele aprende o que, de algum modo, não tem capturado “no que está longe de ser uma simples captura na fascinação visual e que lhe dá o prazer de revelar ao outro aquilo que este é suposto não ter, para mergulha-lo ao mesmo tempo, na vergonha daquilo que lhe falta”.<sup>5</sup> Como a mulher, o texto é não-Todo – eis o que deixam ressoar os dossiês de Ponge. É aqui que aparece um motivo maior da obra pongiana,

<sup>5</sup> Lacan, Jacques. *O seminário*, livro 4, *A relação de objeto*. Rio: Zahar, 1995, p. 277.

a saber, o da ambivalência entre pulsões de vida e pulsões de morte, estas figurando talvez a pulsão tal qual nela mesma a eternidade a mantém.

Voltemos ainda, afim de esclarecer do que se trata.

Na oitava e última parte de *Pour un Malherbe* (parte redigida do 13 de abril ao 24 de julho de 1957), Ponge tenta uma última vez, como se estivesse desesperado, recomeçar seu texto ordenando materiais selecionados tanto nos escritores e críticos falando de “seu” Malherbe quanto nos seus próprios textos e nas sete seções do Malherbe ele mesmo. A essa escolha de cascas se conjuga uma vertiginosa construção citacional multiplicando as mãos, enxertando, portanto, pedaços de poemas de seu “herói” e trechos de seu *work in progress*. Entre as citações de sua própria obra (que provém por exemplo de *Braque-Japon*, de *L’Atelier contemporain*, do *Murmure*, etc.), encontramos esta reflexão esclarecendo o projeto do Livro: o herdeiro de Malherbe – ou seja Ponge ele mesmo – deve conformar a civilização do futuro, nascida por volta de 1870, dos quais os preâmbulos se encontram em Stirner, Lautréamont, Rimbaud, Husserl e outros.<sup>6</sup> Esta civilização, é – os leitores de Ponge já suspeitaram disso – a do objogo, que sinaliza um pensamento da relação entre a poesia – ou a fala – de um lado, e a história literária e a história geral, do outro. Por mais que uma certa crítica pongiana tenha insistido pesadamente no caráter autobiográfico do *Malherbe*, ela esquece ao mesmo tempo a dimensão heterobiográfica e o fato de que se tratava de um livro poético, enquanto considera-se a poesia segundo a definição proposta por Lacan, e que Ponge não teria certamente desabonado:

Há poesia toda vez que um escrito nos introduz num mundo diferente do nosso, e, ao nos dar a presença de um ser, de uma certa relação fundamental, faz com que ela se torna também nossa. A poesia faz que não podemos duvidar da autenticidade de São João da Cruz, nem da de Proust ou da de Gérard de Nerval. A poesia é criação de um sujeito assumindo uma nova ordem de relação simbólico com o mundo.<sup>7</sup>

É nesta perspectiva que Ponge nos introduzia a Malherbe, e se introduzia a ele. Uma vez atravessado o livro do Filho, como duvidar que uma relação simbólica inédita ao mundo acaba de ser produzida? De fato, o Diário de Ponge se integra numa estratégia segundo a qual o encontro paradoxal que chamarei de transferência produzido nos seus escritos se torna um lugar no qual subsistem reescrituras jubilatórias e criadoras, orientadas do lado das pulsões de vida e de auto-conservação: “[...] tudo acontece como se Ponge tivesse acumulado tanto saberes, recorrido nas suas notas a tanta erudição somente para esconder, para diferir um cara a cara consigo mesmo; portanto, é preciso interrogar menos a veracidade do olhar crítico do que o nó ou o segredo deste encontro inacabado”.<sup>8</sup> Bernard Beugnot tem razão em grande parte. Fica a pergunta: do que decorre ou ao que remete este “inacabado”, quais são seus móveis? Pois, enfim, o que é o *Malherbe* senão o lugar mesmo do encontro do Pai e do Filho, oferecido através das inúmeras perdas e gaguejos produtivos e criadores de uma nova figura, de uma personalidade rica de angústia e de signos disseminadores. Este encontro não encena de imediato os materiais necessários à elaboração de lembranças, espécie de suplementos de origem? E não abre além de uma simples história conjectural da literatura uma reflexão sobre as relações propriamente arqueológicas e tanatográficas que entretêm a poesia e a história?

É nesse nó que se cruzam *Pour un Malherbe*, *La Fabrique do pré* e *La Table*. Veremos logo como.

Lembro, por ora, que o *Malherbe* se abre com uma contração temporal: entre o nascimento do ancestral prestigioso e Ponge que tem na época 50 anos, a distância é mínima: 400 anos ao máximo, isto é, como precisa o Filho, “Oito vezes minha vida. Verdadeiramente, não é nada.

<sup>6</sup> *Pour un Malherbe*, Paris, Gallimard, 1965, p. 306.

<sup>7</sup> Lacan Jacques. *O Seminário, Livro 3, As psicoses*. Rio: Zahar, 1985, p. 94.

<sup>8</sup> Beugnot, Bernard. “Clivages critiques: genèse et réception du *Pour un Malherbe*”, *Œuvres & Critiques*, XXIV, 2, 1999, p. 37.

Era ontem”.<sup>9</sup> Efetivamente, medido na escala cósmica da pedra, a distância temporal telescopada entre o pequeno rochedo e o monumento é insignificante. Ora, o que retém Ponge? Colocados de lado a “*barbiche*”, as “*herbes*”, e os “*corneilles*” que fornecem a ocasião sonhada para brincar com o significante dos nomes (*mâle herbe / Malherbe, collier franc / Coligny, corneilles / Corneille*)<sup>10</sup> conectando-se de perto ou de longe a um humanismo huguenote dito “enérgico e de bom senso”,<sup>11</sup> trata-se de estabelecer a legitimidade de Malherbe.

Deixarei de lado os debates que pontuam o livro – já que Ponge não se coloca nem como historiador nem como crítico literário no sentido tradicional da palavra, longe disso<sup>12</sup> – para insistir no fato de que a prática das rumações pelas quais ele procura materialmente a “concretude” das coisas e das palavras afim de atingir sua qualidade diferencial implica uma contaminação do clássico pelo barroco. É a lição de Malherbe que liga, pelo viés do corpo, o tempo, a memória e o esquecimento: “Eu referendo a obra do tempo”, escreve Ponge, observando assim seu engajamento em relação ao trabalho de seus antecessores. Ora, o “diário poético de escritura” que tenta “promover”<sup>13</sup> Malherbe por diferentes estratégias, escritas e orais, se desenrola em diversos espaços lúdicos que conduzem no fim das contas a uma identificação da pessoa escrevendo e da escritura. Uma das fórmulas de enumeração dos projetos propostos em 26 de abril de 1955 – “Um livro totalmente meu, feito do conjunto de minhas notas (o corpo a corpo diário, ou o casamento)”<sup>14</sup> – não deixa nenhuma dúvida quanto ao projeto fundamental, quanto ao Malherbe na sua dimensão performativa neste sentido, que “deixando” seu Pai, o Filho, falando com ele, se separa dele:

Esta reivindicação é o ato literário mesmo. Ele pretende gerar suas próprias normas, ele tende a legitimar-se a si mesmo. Produzindo, assim, o direito, seu direito, ele pretende não comparecer, pelo menos enquanto obra literária, diante de nenhuma lei existente. Ele não reconhece de antemão nenhuma competência ou pretendida competência jurídica estatutária.<sup>15</sup>

Mas esta tese, aplicada a Ponge, subleva uma dificuldade: o autor do *Malherbe* reconhece uma lei a não ser a Lei mesma, como tende a indicar a antonomásia do título desta obra?

Hipótese: o *Malherbe*, mal trabalhado, forneceria o suporte de uma elaboração da angústia de morte percorrendo o conjunto da obra pongiana, elaboração da qual ouviremos a *réson* na intertextualidade entre *La Fabrique* e *La table*, do prefixo universal – o *pre* – para o sufixo da possibilidade pura – o *able*.

Retomemos o tempo perdido.

Entre memória, lembrança e reminiscência.

*Pour un Malherbe* faz “admir do eu”, para retomar a expressão de Dominique Scarfone, no sentido em que significa primeiramente tornar possível uma categoria particular do esquecimento, aquela na qual o eu – esta memória que se designa ela mesma como “eu” – integra certos conteúdos das outras memórias. Estas memórias correspondem, como lembra Scarfone, àquelas que Freud chama em *O eu e o isso*, as identificações secundárias, mas igualmente a recuperação de certos conteúdos da memória, isto é, as lembranças. Enquanto as reminiscências constituem elementos recalçados da memória, esta é atemporal, contrariamente à lembrança que é uma memória inscrita no tempo: “A memória está fora do tempo, embora sempre tentando se reatualizar. Ela é um passado sempre presente, um presente que ignora soberbamente o tempo por onde ele passa ou o tempo que passa por ele. A lembrança, pelo contrário, é esta criança da memória, que o tempo marca”.<sup>16</sup> Se Ponge usa de preferência a

<sup>9</sup> *Pour un Malherbe*, p. 11.

<sup>10</sup> O trocadilho aproxima, respectivamente, as expressões “*mâle herbe*” (erva masculina), “*collier franc*” (colar franco) e “*corneilles*” (corvos) dos nomes de Malherbe, Coligny e Corneille.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 12.

<sup>12</sup> Viart, Dominique. “Ponge tel qu’en Malherbe”. *L’École des lettres II*, no. 8, février 1989, p. 87.

<sup>13</sup> Estas expressões são de Jean-Marie Gleize e Bernard Veck, *Objeto. Francis Ponge. “Actes ou textes”*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1984, p. 34.

<sup>14</sup> *Pour un Malherbe*, p. 267.

<sup>15</sup> Derrida, Jacques; Roudinesco, Élisabeth. *De quoi demain...* Paris: Fayard/Gallimard, 2001, p. 206.

<sup>16</sup> Scarfone, Dominique. *Oublier Freud?* Montréal: Boréal, 1999, p. 77-8.

forma do diário de escritura, é provavelmente porque as lembranças dão acesso, ao termo de um longo trabalho de ruminação e de repetição, à memória, a marca do tempo que passa conduzindo-o para fora do tempo, lugar por excelência das reminiscências. Não é por acaso que Ponge – deslocando o calendário dos Correios, fazendo mexer o endereço ao Outro, reordenando *Les Archives du destin* estabelecidos por La Fontaine<sup>17</sup> – falando a/de sua mesa de escritura, pode escrever: “Mesa, acorda-te com meu cotovelo”,<sup>18</sup> seu instrumento devendo acordá/sutentá-lo para que advenha o eu. Ele pode então fazer surgir o eu do isso, transferindo, na tensão a mais extrema possível, o Verbo do Pai para a Voz do Filho: “As pegadas, os fatos psíquicos de memória são múltiplos e de natureza fortemente variada. Alguns deles *se tornam* lembranças por um certo trabalho que tem notadamente por efeito de imprimir neles a marca do tempo, os escrevendo assim numa história que se narrará na primeira pessoa”.<sup>19</sup> Indo à busca de lembranças que lhe restam e das que inventa e projeta, Ponge reencontra de uma certa maneira sua via filial. Nesta perspectiva, proporei conceber o *Malherbe*, *La Fabrique do pré* e *La Table* como “camadas trans-temáticas”. Esta fórmula, de Jean Imbeault,<sup>20</sup> aponta a ordem que busca manter o eu, ele mesmo memória em si, memória ao mesmo tempo auto- e heterobiográfica porque organiza os restos, até os dejetos do mundo e da linguagem em uma forma estética. Se esta camada constitui sem dúvida “uma espécie de folio, de fita enrolada em espiral que constitui a narrativa que se faz o eu”,<sup>21</sup> fita que enxerta materiais de toda origem segundo um processo de interiorização que a simples internalização intertextual e a introjeção ultrapassam, conservando ao objeto incorporado seu caráter de não-si, poderemos então falar de acorporação com o objetivo de revelar as relações, não somente de Ponge com Malherbe, como fiz um pouco longamente aqui, mas também de Malherbe com Ponge, na medida em que o enxerto, “familiar”, “concerne pedaços de corpo a receber, pedaços mais ou menos enxertados, cada vez menos estranhos. Eles são, no entanto, recebidos de um outro, que deve ser cada vez menos ligado cada vez mais estranho”.<sup>22</sup> Este duplo movimento é precisamente o de *Pour un Malherbe* na medida em que Ponge renuncia a Malherbe recategorizando as cartas da história da literatura à qual *ele* pertence, chegando por esta estratégia a operar o “enxerto de sentido” necessário para reencontrar sua matéria, “sua” Lei, sua tabela de matérias e sua tábua de dissecação. O lugar do sentido se torna então o que chamaria o nó da disjunção pensando no trabalho de ligamento-desligamento ao qual procede Ponge, trabalho que conduz para seu próprio nó diferencial. Ao termo deste percurso, ele reencontra com certeza seu eu, isto é, sua memória, e se ergue como sujeito, narcisismo de vida e de morte conjugados e surgindo no casamento da floclação e do epitáfio, sublime, amniosíntese mortuária.

Ponge, com efeito, não para – em *La fabrique* e *La Table* – de assinar seu próprio epitáfio. Na acorporação de Malherbe, na sua admiração enxertante, assinar seu epitáfio:

Senhores tipógrafos,  
Coloquem aqui, por favor, o traço final.

Depois, embaixo, sem a mínima entrelinha, deem meu nome,  
Tirado da caixa-baixa, naturalmente,  
Salvo as iniciais, é claro,  
Visto que são também as  
Do Funcho e da Peônia  
Que amanhã crescerão em cima.

<sup>17</sup> *Pour un Malherbe*, p. 139.

<sup>18</sup> *A Mesa*, tradução e apresentação de Ignácio Antônio Neis e Michel Peterson, São Paulo, Iluminuras, 2002, p. 180-181.

<sup>19</sup> Scarfone, Dominique. *Op. cit.*, p. 79.

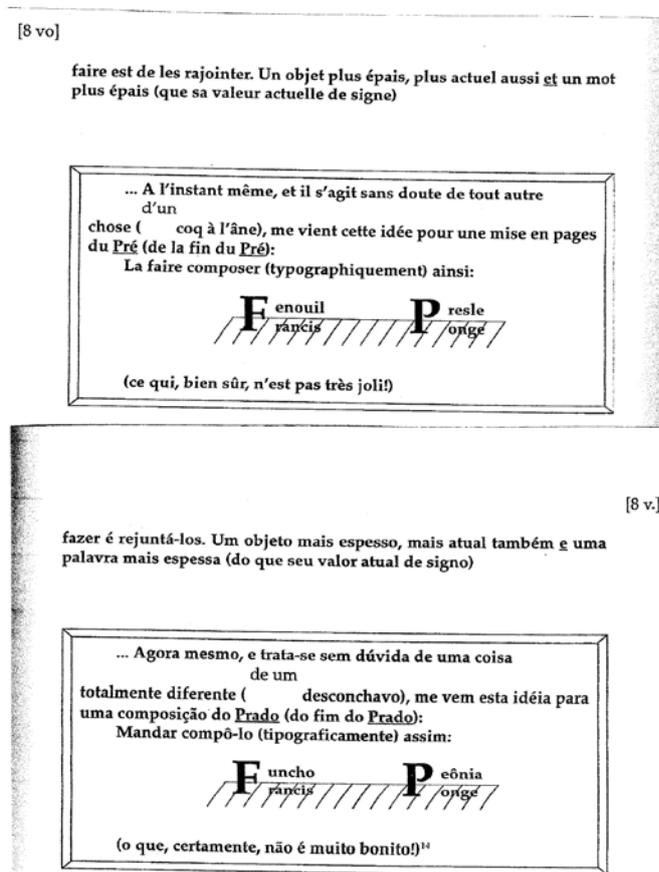
<sup>20</sup> *Mouvements*, Paris, Gallimard, 1997, p. 56.

<sup>21</sup> É assim que Scarfone define a camada.

<sup>22</sup> Crombez, Jean-Charles. *La guérison em ECHO*, Québec, MNH, 1994, p. 186. O autor define a acorporação como “a interiorização progressiva de um objeto num plano somático e mental. Esta apropriação necessita ao mesmo tempo uma integração a si e uma renúncia ao outro” (p. 187).

Francis Ponge.

Na data de 4 de janeiro de 1968, o folio 8 verso anunciava este trabalho de disposição no estabelecido do *Pré* do nome em camadas:



Encadrado do Folio, Cf. p. 192 de *A Mesa*<sup>23</sup>

<sup>23</sup> Ponge, Francis.  
*A Mesa*, p. 192-3.

Eis onde ia levar o *Malherbe*, o qual, pela tentativa de alcançar os cumes do Oracular, ia fundar – passando por um cemitério de moças, “com Epitáfios tais que seriam tão diversos quanto um jardim de flores [e designariam] o projeto existencial de [sua] obra”<sup>24</sup> – a inscrição funerária, deixando vibrar a corda lírica e concretista da poesia na sua dimensão combinatória – ao mesmo tempo concreta e abstrata, estoica e epicuriana. Ora, uma deficiência atinge o *Malherbe*:

<sup>24</sup> *Pour un Malherbe*, p. 188.

(Em todo este texto, falta o que concerne a orelha): não evoco, e é uma falta, o que ressoa e, os monumentos que ressoam, os instrumentos de música, as caixas de ressonância e, por exemplo, os sarcófagos de Alyscamps, os sarcófagos em argila dos etruscos, objetos particularmente sonoros em razão do caráter poroso dos vasos (ao mesmo tempo que as inscrições nas placas tumulares verticais nos Romanos); ou ainda a ressonância das colunas (gregas ou egípcias), igual as cordas da lira.<sup>25</sup>

<sup>25</sup> *Ibid.*

No entanto, em *La Fabrique* e em *La Table*, esta falta será, não preenchida, mas elevada à altura de eternidade. Em *La Fabrique*, as sonoridades musicais – até o concerto brandeburguês de Bach – não cessarão mais de se propagar nesta superfície ao mesmo tempo doce e porosa

que constitui uma verdadeira metamorfose da água. Em *La Table*, orelha e boca se encontram como conchas e ondas do mar.

EM RESUMO,

*La Fabrique* terá aspirado ... o quê?

Isto, vindo do mais profundo de uma memória auto- e heterobiográfica, memória do outro endereçada ao Outro, fonte e ômega em anel do fantasma primordial:

Na terça-feira 5 de novembro de 1929, Jean Paulhan agradece a Ponge por lhe ter enviado o “muito bonito” *Monumento*:

PARA MEU PAI DESCARNECIDO

(Notas)

(seus ossos se instalaram enfim na caixa  
Eles aderem sem incomodo a esta tábua reta  
Os vermes que se deleitaram de seus turvos tecidos)  
[...]  
Ao redor do monumento, pedras colocadas para a sombra,  
O ar circula muito puro embora muito frequentado.  
Nesta sombra o corpo enfim se desnodando  
E mesmo após a morte procurando ainda seu lugar  
Ele convoca os vermes para seu arranjo  
Músculo por músculo tudo cede e se espalha em lama  
Tudo não faz mais do que um mole e lamacento travesseiro  
Pelos vermes sedutores logo levados.<sup>26</sup>

<sup>26</sup> Paulhan, Jean et Ponge, Francis. *Correspondance 1923-1968*, vol. 1, 1923-1946. Paris: Gallimard, 1986, p. 112.

A morte do Pai, do Sábio, Armand Ponge, dia 18 de maio de 1923, e sobretudo a angústia da putrefação de seu corpo, colonizado por espécies necrófagas, eis, ousarei avançar, um dos conteúdos fantasmáticos mais insistentes da obra, embora não a explique. E este núcleo inclui igualmente a mãe, Juliette Saurel, falecida no dia 14 de março de 1954. Ponge escreve, por outro lado:

Nîmes 19, 20 e 21 de março de 1954 [Ponge está neste momento a meio caminho da redação do *Malherbe*] – Vindo aqui para aqui enterrar, aqui dormir para sempre o corpo do qual eu mesmo saí, que me formou, alimentou, depois expulsou, depois cuidou. A doação em Nîmes deste envelope, deste cadáver, para adubo. Gostaria, eu, de um sarcófago de pedra, aqui o corpo se destrói sozinho (como aqueles dos Alyscamps) ou em cerâmica (etruscas...)<sup>27</sup>

<sup>27</sup> Citado na Cronologia estabelecida na edição da *Pléiade*, p. xxvi.

Adubo do Prado, portanto, já que o corpo da mãe, como do Pai, enquanto espaços ecológicos, suportam a vida, oficinas de experimentação transformadas em livros, em arquivos, em rascunhos da natureza. Resta que a angústia, enquanto signo do desejo, avança mascarada. Há melhor maneira de se proteger da tempestade original, do que se fechando num sarcófago para cair em si-mesmo? Estrutura do fantasma e estrutura da angústia se reúnem em um *De natura rerum*: “Preparemos, portanto, a página, escreve Ponge na tarde do dia 27 de junho de 1964, onde ela [a verdade verde] possa nascer, porque ainda é preciso que seja página marrom?” Daí a necessidade de se ler mais perto este Prado que rega os mortos, lugar de descanso e de alimentação dos ancestrais.

# *A Fábrica do Pré-Prado*

Francis Ponge

Tradução de Ignacio Antonio Neis e Michel Peterson  
com a colaboração de Ricardo Iuri Canko

## As sendas da criação

20 de maio de 1970

Se devo uma vez mais – e porque esses problemas e o gênero literário que eles suscitaram estão agora *em moda* – pôr na mesa os estados sucessivos de meu *trabalho* de escritura a propósito desta ou daquela emoção que me levou de início a essa atividade, optarei por expor minhas notas *sobre o prado*.

Les Vergers, 23 de março de 1970

**As:** artigo no plural do latim *illa, illae, illas*.

**Sendas:** Plural de *senda*, do latim *semita*, que poderia ter-lhe vindo do árabe (isto é, do semítico) *samata semt*, via, caminho (os *semitas* seriam, portanto, assim nomeados por serem nômades?) (Littré, t. IV, p. 1896 e 1897)<sup>1</sup>. *Senda* consta no século XVIII, segundo D. V., mas deve ser vocábulo bem mais antigo; *sendeiro*, do latim *semitarius*, relativo a uma senda (sendeiro seria, portanto, inicialmente um adjetivo), consta no século XV (Ordenações Afonsinas).

Definição de *senda*: sinônimo de *vereda* (cuja definição é esta: *caminho estreito no campo ou no mato*); *atalho*. Haveria, portanto, *a priori*, a ideia, o lugar-comum do *caminho estreito*, da *porta estreita*<sup>2</sup>. As sendas da criação, diz-se, e por que não as avenidas?

**da:**

**criação:** Não gosto muito dessa palavra, pois, conforme

Demócrito e Epicuro, nada se cria do nada na natureza (i. é, nada é criado). Nada se cria do nada, e fica bem evidente que as opera litteraria o são a partir das letras e das palavras e dos sinais de pontuação, etc. (por simples permutação do que Lucrécio chama de *elementaria*).

É do latim *creationem*, de *creare*, do sânscrito *kri*, fazer.

*Criar*: “ação de inventar, de fundar, de *produzir*, de nomear para um emprego (prático)” (Littré, t. I, p. 887).

*30 de março de 1970*

I

(No mês de agosto de 1960), 30 anos depois, encontrávamo-nos uma vez mais naquela região da França que sempre foi um de nossos lugares prediletos: aquela parte alta do Vivarais, onde o Lignon, bem impropriamente chamado Vellave, visto que nasce no maciço do Mézenc, começa a descer rumo ao alto Loire (banhando sucessivamente Faÿ, Mars, Le Chambon, Tence) antes de nele se lançar, não longe de Monistrol<sup>3</sup>.

*30 de março de 1970*

II

Pelas

Nas sendas da criação

Ponhamo-nos, então, a caminho.

As sendas da criação, pois bem, são evidentemente as linhas da escrita.

Ele corta caminhos, atalha pelos campos.

Tomo, pois, o caminho de ir ver você.

Tomar o caminho de criar qualquer coisa.

Abrir caminho.

“O caminho está aberto ao arrependimento”

(Racine, Bajazet)<sup>4</sup>

Que caminhos tomaremos? senão os que nos abre nossa pena (nossa escritura).

Que caminhos, então, poderemos tomar? senão os que nos abre (desbrava) a escritura.

Não andemos por atalhos (com desvios e rodeios).

Não andarei por atalhos para explicar meu método criativo.

Não era de bom aviso atravessar-se em seu caminho (contrariá-lo).

A “criação” (como você diz) fará com que trilhemos muito caminho.

*30 de março de 1970*

III

Tomar o caminho da escola ou da gazeta: o caminho mais longo.

Mostrar o caminho. Ele está encantado com mostrar o caminho aos outros (Sévigné).

Não paremos em tão belo caminho. Não paremos na metade do caminho (com meio caminho andado).

Sigamos sempre nosso caminho  
(continuar tranquilamente seu caminho).  
Caminho trilhado, desbravado.  
Caminho aberto.  
Ter o caminho aberto, falando de uma coisa que se realiza sem dificuldade.  
Tais tratados tinham o caminho aberto  
(La Fontaine)<sup>5</sup>.  
Velho como andar para frente.  
Caminho de atalho (que se afasta da estrada mestra).  
Caminho de sirga.  
Caminho de ronda.  
Caminho coberto (com cobertura, ao longo do fosso de uma praça).

*30 de março de 1970*

IV

Avançar.  
Seus encantos encontravam o caminho do coração do rei (Hamilton)<sup>6</sup>  
(ganhar terreno)  
No caminho (durante o trajeto)  
– Entretanto, charlemos, caminhando –  
É meio caminho andado (dar os primeiros passos)  
Enganar o caminho, desenfadar-se com algo, caminhando.  
Discorrendo eles, para enganar o caminho, acerca de mil coisas,  
Deparam, enfim, com o que se diz da virtude secreta de certas palavras...  
(La Fontaine, Oração)<sup>7</sup>  
Aquele homem fará carreira.

30 de março de 1970

V

“A fé é o caminho para a inteligência”

(Bossuet, citado por Littré)

Assim, poderíamos dizer: a sensibilidade é o caminho para a criação (é um dos caminhos para a criação)

ou O amor das palavras é o

caminho para a criação literária, poética

i. é, também, o caminho para a self-criação.

31 de março de 1970

I

Não há, pela minha experiência, dúvida alguma de que o amor pelas palavras (i. é, a referência (reverenciosa) a uma visão tradicionalmente humana e (ousemos dizê-lo) *nacional* das coisas (é preciso explicar isso) (de que o amor pelas palavras seja isso) seja o caminho para a criação (quero dizer, pela expressão sem trapaça de uma sensibilidade individual, não somente a fabricação de objetos de satisfação, de gozo para o gosto comum dos usuários da língua, mas a autocriação do próprio indivíduo em sua semelhança e sua diferença em relação àqueles que são chamados seus semelhantes).

a consolidação a confirmação

a justificação a satisfação

(a *felicidade*, no sentido epicurista do termo).

31 de março de 1970

II

“As sendas da criação”? Vá lá! (Notemos, aqui, já, um pleonasma: pois *sendas* é, já, *ir*.) Essas sendas, quais poderiam ser, senão as que já começa a abrir-nos, a desbravar-nos nossa pena: as de nossa *escritura*. E deverão ser as que puder seguir, tomar – dizia-se melhor, antigamente, as que puder *manter a leitura* de cada um.

Mas *escrever*, por quê? para produzir (deixar) um traço (*material*), para *materializar* minha caminhada, a fim de que ela possa ser seguida outra vez, uma segunda vez. Mas *como* então posso escrever? com palavras. Que palavras?

Aquelas, ao mesmo tempo, que minha ousadia *me leva*, me incita a traçar, escrever, e que meus discípulos *me permitem* escrever, traçar.

De que é feita essa ousadia? (1º ponto)

Que escrúpulos são esses? (segundo ponto)

Essa *ousadia* é minha subjetividade (isso é dito insistindo no *sub* (o que me impele do fundo, de debaixo de mim: de meu corpo) e no *jetivo* (que está em subjetividade): trata-se de um *jato*: de uma *projeção*, de *projéteis*.

Quanto a esses *escrúpulos*: são os seixos, os rochedos, os entulhos, os obstáculos erguidos à minha frente (frente à minha *projeção*, frente aos meus *projéteis*) por minha própria leitura dessas próprias palavras, consideradas agora como *obstáculos* à minha ousadia, na medida em que ela se quer *comunicativa*. Esses escrúpulos, enfim (finalmente), são essas próprias palavras (não mais lançadas por mim, traçadas, escritas por mim – mas *lidas* por mim, como obstáculos em meu caminho. Eis, em suma, um caminho feito de obstáculos, de portas sucessivas. Curioso! que sejam necessárias portas a cada instante nesse caminho (para essa caminhada). Em suma, é preciso que essas palavras sejam tais que, colocadas por mim, frente a mim, como portas, elas *mesmas se ajudem a se abrir* (que elas mesmas sejam guarnecidas do olho eletrônico que as faça, à minha passagem, *apenas com a intenção de minha passagem*, se abrirem).

– Compreende-se a dificuldade! – Que dificuldade?

Mas não é de espantar! pois, enfim, essas palavras, o traçado delas, são também a *maneira* que você tem de passar, de caminhar (o traçado delas, isto é, sua *pronúncia* pela pena, seu *proferimento*...). Assim, elas são ao mesmo tempo portas, chaves e fechaduras.

– Jamais sairemos dessa!

– De fato. Não seria a ideia, a esperança de *sair dessa*, por si só, uma ideia louca? Tudo não é jamais senão re-inscrição, mas isso comporta uma noção *ativa* (e é nisso que consiste a vida).

21 de maio de 1970

*O fato da escritura* (da produção, criação textual, escritural) *é a leitura de um texto do Mundo*.

Que as coisas, tais como as distinguimos, reconhecemos – e tais como *as amamos* – que os fenômenos do mundo físico, do mundo dito exterior, *já* sejam palavras: isso não me deixa dúvida alguma.

Somente as amamos, somente nos extasiamos perante elas na medida em que as *re-conhecemos*. O movimento (a emoção) que se produz em nós (que elas suscitam em nós) e que nos faz ao mesmo tempo *re-conhecê-las como semelhantes ao seu nome* e *conhecê-las (com surpresa)*, i. é, *descobri-las como diferentes do seu nome*, que nos faz, por conseguinte, desejar *nomeá-las melhor*, “traduz”-se, na verdade, por *uma atenção redobrada ao seu nome*, que deveria simplesmente ser devolvido à sua significação primeira (ou completa), a fim de reaproximá-lo da coisa, concebida em sua espessura e sua diferença verdadeiras: aquelas que a caracterizavam quando foi nomeada pela primeira vez, aquelas que provocaram a necessidade, o desejo de nomeá-la.

Em suma, as coisas são, já, tanto palavras quanto coisas e, reciprocamente, as palavras são, já, tanto coisas quanto palavras. É sua copulação, realizada pela escritura (verdadeira, ou perfeita): é o orgasmo que disso resulta que provoca nossa jubilação.

Trata-se de fazer com que *entrem* uma na outra: de não ver mais *duplo*: mas que as duas aparências se confundem (exatamente) (o que se chama *registro* em termos de imprensa).

29 de maio de 1970

Em outras palavras: Se *amamos* as coisas, é porque as re-conhecemos, quero dizer que as sentimos *ao mesmo tempo* como semelhantes àquilo que nossa memória havia conservado delas (e que estava incluído em seu nome) e como diferentes dessa noção simplificada e utilitária (representada por seu nome, a palavra que as designa).

O que nos faz *reconhecer* uma coisa *como coisa* é exatamente o sentimento de que ela é *diferente* de seu nome, da palavra que a designa, da palavra que leva seu nome, da palavra cujo nome ela mui tocantemente consente em levar.

29 de maio de 1970

Atualmente – isto é, já tendo as coisas sido nomeadas, existindo as palavras, existindo uma língua (a nossa) –

E por isso, graças aos Deuses!

– pois é isso que nos permite experimentar tanta surpresa e alegria com a visão, com a apreensão sensível das próprias coisas, percebidas como tão diferentes de seus nomes.

– pois bem, então, atualmente, o que fazer? e como fazer?

Que alegria *ter de dizer* essa diferença, sentida a cada instante, essa verdadeira evidência, materialidade do mundo físico!

Como? – Muitos serão tentados a dispensar as palavras, a utilizar pintura (ou música)

– Esse não será nosso caso, essa não será nossa decisão (resolução)

29 de maio de 1970

Atualmente, se *amamos* as coisas, é porque *as reconhecemos* ao mesmo tempo como *respondendo* (de modo mui tocante) a seus nomes – e, entretanto, como sendo tão diferentes desses nomes, tão outras, bem mais vivas e mais ricas que esses nomes (que as palavras que as designam).

Entretanto, somente as conhecemos – e reconhecemos – graças a esses nomes (e são até, de fato, esses nomes que nos permitem conhecê-las como outras, como mais vivas).

Dessas duas constatações, o que resulta? *O pulo*, ao mesmo tempo lógico e ilógico, *o salto está aqui* – Que *devamos amar também esses nomes*. Amá-los bastante – como tais – de modo que possamos novamente tentar fazer com que se encontrem (coisas e nomes), com que entrem uns nos outros (coisas e nomes).

O amor pelas palavras é, portanto, de certa maneira necessário ao gozo das coisas.

Ou antes, realizar o amor físico (o acoplamento de novo) das palavras e das coisas, esse será nosso gozo, nosso regozijo. E disso, somente nós (nós, enquanto dotados da palavra, enquanto capazes da escritura), somente nós somos *capazes*.

29 de maio de 1970

Por que, embora a isso sejamos tentados, não vamos *dispensar* esses nomes, dispensar as palavras, por que vamos decidir *não* lhes preferir a pintura (por ex.) ou a música, ou qualquer outro *meio* de expressão?

Pois bem, por gosto da dificuldade, e pelo sentimento também (a intuição) de que a nomenclatura é a chave de tudo – e de que, se *nos interessamos* por essa diferença entre as palavras e as coisas, é porque, na verdade, *estamos* no mais alto grau *interessados nela*, porque é a *nós* que essa diferença (que o problema dessa diferença) concerne, porque não se trata, em suma, senão de *nós* – e de nossa própria existência, de nossa própria personalidade, de nossa própria liberdade, de nossa própria justificação, de nosso único *dever* (conosco e com a sociedade, e com cada um de nossos irmãos, e com o mundo inteiro, com a natureza inteira, com a mecânica, o funcionamento universal, do qual fazemos parte).

30 de maio de 1970

A *materialidade da escritura*, do grafismo – e não de um grafismo individual (manuscrito autógrafa), mas de um grafismo comum (caligrafia ou tipografia): é isso que nos faz *amá-la*, *desejá-la*, e – intelectualmente, a seguir – *considerá-la importante* (essencial).

Os belos textos em língua morta (por ex., para nós, os textos latinos) interessam-nos na medida em que somente existem para nós como *escritura*, pois em absoluto não sabemos como eram pronunciados. Por ser evidente sua materialidade (inscrições, gravuras em pedra ou em cera, ou na argila das tabuinhas – ou tipograficamente nas páginas de nossos livros escolares).

Por outro lado, *esse mutismo* aproxima-os ainda mais para nós das coisas do mundo físico.

Entretanto, são *signos* também, sem dúvida alguma, e neles *reconhecemos* (em uma certa medida, em uma certa proporção) o parentesco (mais ou menos longínquo) do espírito de nossos ancestrais com nosso próprio espírito, isso também é tocante, exaltante (*profundamente* interessante).

O fenômeno essencial, primeiro, principal, original – donde tudo decorre, ou decorreria – não seria o da *espécie* (da *pluralidade* dos indivíduos) – tanto no tempo (gerações, regeneração) quanto no espaço (comunicação, sociedades)?

Requerendo esse fato, esse fenômeno, para ser captado pelo espírito, aquele, intelectual, da abstração generalizadora, da noção – e da classificação?

Portanto, a nomenclatura?

Esse fenômeno da pluralidade – da incompreensível pluralidade dos indivíduos na espécie – já o apreendi mais ou menos vagamente em vários textos (em várias oportunidades): *Ad Litem*, *A 45ª primavera*, *O Lilás*, *O Abricó*, etc., *Notas primeiras do homem*, *O plátano* (“Não podes guiá-los, mas emites bastantes para que um só que suceda...”)<sup>8</sup>.

O número dos possíveis sacrificados em cada primavera. A morte dos pais necessária ao nascimento do filho (considerado inicialmente como *infans*, isto é, não dotado de palavra).

O fenômeno da regeneração, da perpetuação (A cabra)<sup>9</sup> – A permanência do tipo – e da língua [permanência e evolução (semântica)]

(O serviço do sangue azul)<sup>10</sup>

o pinhal<sup>11</sup> essas noções cosmogônicas

o seixo<sup>12</sup> ou essenciais, primordiais

sendo,

o prado constatemo-lo, *todas plurais*.

As fases do indivíduo (in “O Sol”<sup>13</sup>, o nós)

A estética do *acavalamento* –

A beleza (ou a verdade) saltando na garupa,

Aquele filme ontem (Cousteau) das núpcias dos calamares

(*O rali dos peixes*, o universo concebido como uma entredevoração (*ad litem*)<sup>14</sup>, o trágico e o jubiloso –

O “nada se perde, nada se cria” dos antigos materialistas (Epicuro)

o eterno retorno (Nietzsche), o ciclismo (*A sociedade do gênio*) (Borges)

A permanência e a opiniaticidade (a lama)<sup>15</sup>

*O figo*<sup>16</sup>: a *santidade*, o caráter sagrado dos “modos de ser” que desde tempos imemoriais deram provas de seu valor. Sendo esse *caráter sagrado* (dos modos de ser que desde tempos imemoriais, por sua *perpetuidade*, deram provas de seu valor), também o (o sagrado, o caráter que dizemos divino) das noções, das abstrações, das *palavras* (J. Paulhan: divindade da palavra).

Não é exatamente nesse mesmo sentido que Paulhan concebe a *divindade* da palavra (ele a concebe assim, acredito:

1º a palavra é primitiva, anterior a tudo

2º ela dá conta, *contém* o mistério, a contradição, a não-identidade, ela resolve as antinomias – por ser ao mesmo tempo interior e exterior.

*10 de julho de 1970*

Talvez somente se pense em *escrever*, isto é, em diferir (até sentimento de perfeição) sua expressão verbal (a fim de tomar tempo para se aproximar de sua perfeição) quando se adquiriu a convicção de que a expressão-verbal-de-primeiro-jato é imperfeita.

O sentimento de uma espécie de precariedade, ou da *possibilidade* da perfeição verbal pode também impelir-nos a *escrever*: a ideia de que se corre o risco de esquecer essa formulação; a necessidade (por vaidade? – não somente) de fixá-la (imediatamente).

O que eu disse acima vale para *toda* expressão verbal (não somente para a expressão em vista de uma produção literária ou livresca. Mas, por exemplo, para um “relatório”, ou para uma “carta” de negócios (ou de amor), etc.

A notação

*ou*

A busca de uma espécie de perfeição na expressão verbal, essas me parecem ser as causas, as motivações possíveis de um recurso à escritura.

É preciso, portanto, em primeiro lugar, que se tenha em vista o algo-*a-obter* pela palavra (e não somente algo-*a-exprimir*)

(Mas observar a expressão: “você tem algum desejo a exprimir?” Nesse caso, é evidente que se trata de uma expressão que tem outra intenção que não puramente a ejaculação de um sentimento.) (De um excessivo cúmulo fisiológico.)

*11 de julho de 1970*

Escrever para aprimorar uma palavra (prática, útil) implica que não se possa trabalhar nisso (trabalhar nesse aprimoramento) “de cabeça” (como se diz) ou “de cor”, ou “mentalmente” (no sentido em que se fala de “cálculo mental”).

Entretanto, deve ocorrer que alguém não seja incapaz disso (escritores na prisão). Posso muito bem imaginar que certos espíritos (pelo menos o meu) sejam capazes dessa espécie de desempenho. Além do mais, esses mesmos campeões não omitirão de *escrever* as melhores formulações que tiverem obtido por um trabalho puramente mental. Por quê? Porque eles (os mais honestos dentre eles pelo menos) desejarão que os destinatários de sua mensagem possam apreciá-la à vontade, perscrutá-la (quero dizer lê-la e relê-la várias vezes) a fim de

que a concordância a seu respeito se dê realmente com conhecimento de causa (concordância ou discordância, é claro). Que isso seja conservado como uma espécie de *contrato*.

Por isso, penso eu, por uma espécie de suspeita em relação à sua própria memória, pelo sentimento das intermitências do coração (e do espírito, e do humor, e dos humores, e da fisiologia...). Em suma, para conservar, pôr a salvo a formulação a que acabam de chegar. E também, ainda, talvez, para conservá-la a título de “*modelo*”, de *padrão* ou de *máquina-ferramenta*. E não estamos longe, assim sendo, da ideia da máxima, ou do oráculo, ou do provérbio, ou da lei. (Braque referindo-se a telas antigas recolocadas diante de seus olhos durante o trabalho.)

Dir-me-ão vocês que tudo isso bem pôde outrora e bem poderia ainda conservar-se e transmitir-se por via oral (por tradição oral)... Sem dúvida, mas é preciso abordar agora aquilo que o trabalho de escritura traz a mais (e quase *espacialmente*) à formulação.

.....  
*10 de julho de 1970*

Ponto importante aqui (embora isso tenha vindo, de fato, antes da página precedente): a expressão pode ser considerada uma mera ejaculação: portanto, que não tende a nada mais... (uma espécie de *perfeição passiva*, *passiva* porque então somos *comandados* por uma preocupação com despesa puramente pessoal, puramente subjetiva, cujo objetivo específico (por ex.) não nos parece, não nos é consciente (ou melhor: não temos consciência dele). É a espécie então que nos comanda: “ejaculem!”, mas nós de nada sabemos, somos perfeitamente determinados (tapeados).

Um jato inconsciente de sêmen, ou uma mera defecação, um mero vômito... etc., etc.

Sendo tudo isso perfeitamente – ou podendo ser perfeitamente *solitário* (cf. a masturbação) e não engendrando nada.

.....

# O Pré-Prado

A versão definitiva do *Pré* foi publicada em 1967  
no *Nouveau Recueil*, NRF, Gallimard.

## *O Pré-Prado*

Que por vezes a Natureza, ao despertarmos, nos proponha  
Aquilo a que justamente estávamos dispostos,  
E logo o louvor se infla em nossa garganta.  
Acreditamos estar no paraíso.

Eis o que adveio ao prado que quero dizer,  
Que será meu dito de hoje.

Porque se trata aqui mais de um modo de ser  
Que de um prato a nossos olhos servido,  
Para tanto a palavra convém mais que a pintura  
Que em absoluto não bastaria.

Pegar de uma bisnaga de verde, espalhá-lo sobre a página,  
Isso não é fazer um prado.  
Eles nascem de outra forma.  
Eles surdem da página.  
Porém é preciso que seja página parda.

Preparemos, pois, a página em que possa hoje nascer  
Uma verdade que seja verde.

Por vezes – ou digamos também por lugares diversos –  
Por vezes, nossa natureza –  
Entendo dizer, em uma palavra, a Natureza em nosso planeta  
E o que, cada dia, ao despertarmos, somos –  
Por vezes, nossa natureza nos preparou (para) um prado.

Mas o que é que obstrui assim nosso caminho?  
Nesse pequeno bosque meio sombra meio sol,  
Quem nos coloca essas pedras no caminho?  
Por que, tão logo nos debruçamos sobre a página,  
Neste único parágrafo, todos esses escrúpulos?  
  
Por que então, visto daqui, esse fragmento limitado de espaço,  
Adornado com rochedos ou com sebes de pilriteiros,  
De bastante pequena extensão,  
Moraina das florestas, aguaceiro de sinal adverso,  
Esse prado, superfície amena, auréola das nascentes  
E da tempestade inicial sequência suave  
Em apelo ou resposta unânime anônima à chuva,  
Nos parece mais precioso de súbito  
Que o mais fino dos tapetes persas?  
  
Frágil, mas não frangível,  
Ali a terra vegetal às vezes fica por cima,  
Onde os pequenos cascos do potro que nele galopou o marcaram,  
Ou o pisotear rumo ao bebedouro dos animais que lentamente  
Para ele se precipitaram...

Enquanto uma longa teoria de passeantes endomingados, sem  
Sujar um pouco sequer os sapatos brancos, avançam  
Ao longo da pequena torrente, engrossada, de afogamento ou de perdição,  
Por que então, desde a chegada, nos deixa ele pasmos?

Teríamos, pois, já atingido o naós,  
Enfim, o lugar sagrado de um desjejum de razões?  
Eis-nos, em todo caso, no cerne dos pleonasmos  
E no único nível lógico que nos convém.

Aqui já roda o moinho de orações,  
Sem a mínima ideia de prosternação, aliás,  
Pois ela seria contrária às verticalidades do lugar.

Crase de paratus, conforme os etimologistas latinos,  
Perto da rocha e do regato,  
Pronto para ceifar ou para pastar,  
Preparado para nós pela natureza,  
Pré, aparado, prado, perto, pronto,

O pré-prado que aqui jaz como o participio passado por excelência  
Reverencia-se aí também como nosso prefixo dos prefixos,  
Prefixo já em prefixo, presente já em presente.

Impossível sair de nossas onomatopeias originais.  
É preciso, pois, entrar nelas.

Desnecessário, aliás, sair delas,  
Pois suas variações bastam para dar conta  
Da maravilhosamente fastidiosa  
Monotonia e variedade do mundo,  
Enfim, de sua perpetuidade.

Porém é preciso pronunciá-las.

Falar. E, talvez, parabolar.

Todas, dizê-las.

---

(Aqui deve intervir uma longa passagem, em que, à maneira um pouco da interminável sequência de cravo solo do quinto concerto brandemburguês, isto é, de modo fastidioso e mecânico mas mecanizante ao mesmo tempo, não tanto da música quanto da lógica, raciocinadora, na ponta dos lábios, não do peito ou do coração, tratarei de explicar, isso mesmo, explicar, duas ou três coisas, e antes de mais nada que se o pré, em nossa língua, representa uma das mais importantes e primordiais noções lógicas que existam, o mesmo sucede no plano físico (geofísico), pois se trata na verdade de uma metamorfose da água, a qual, ao invés de se evaporar diretamente, ao apelo do fogo, em nuvens, opta aqui, ligando-se à terra e passando por ela, isto é, pelos restos amassados do passado dos três reinos e em particular pelas mais finas granulações do mineral, reimpregnando em suma o cinzeiro universal, por fazer renascer a vida em sua forma mais elementar, a relva: elementaridade-alimentaridade. Esse capítulo, que será *também* o da música dos prados, soar de maneira grácil e minuciosa, com uma quantidade de apojaturas, para terminar (se terminar) em acelerando e rinzando ao mesmo tempo, até uma espécie de ribombar de trovão, quando nos refugiaremos nos bosques. Mas a perfeição dessa passagem poderia requerer de mim ainda alguns anos. Seja como for...)

---

A tempestade original longamente falou.

---

A tempestade original não terá então em nós tão longamente ribombado

Somente para que enfim

– pois ela se afasta, já não ocupando senão parcialmente o horizonte  
baixo onde ela fulgura ainda –

Tratando do mais urgente, cuidando do mais premente,  
Saíamos desses bosques,  
Passemos entre essas árvores e nossos últimos escrúpulos,  
E, deixando qualquer pórtico e quaisquer colunatas,  
Transportados subitamente por uma espécie de entusiasmo plácido  
Em prol de uma verdade, hoje, que seja verde,  
Nos encontremos logo aleitados ao comprido nesse prado,  
Há muito preparado para nós pela natureza,

– onde só dar atenção ao céu azul.

O pássaro que o sobrevoa em sentido inverso ao da escrita  
Chama-nos de volta ao concreto, e sua contradição,  
Acentuando do pré-prado a nota diferencial  
Quanto a certos près-perto ou prêt-pronto, e ao prai de prairie-pradaria,  
Soa breve e aguda como um dilaceramento  
No céu demasiado sereno das significações.  
É porque, também, o lugar do longo palavreado  
Pode tornar-se o da decisão.

Dos dois iguais chegados em pé, um ao menos,  
Após um assalto cruzado de armas oblíquas,  
Permanecerá deitado  
Primeiro em cima, depois embaixo.

Eis então, sobre esse pré-prado, a oportunidade, como convém,  
Prematuramente, de acabar.

Senhores tipógrafos,

Coloquem aqui, por favor, o traço final.

Depois, embaixo, sem a mínima entrelinha, deem meu nome,

Tirado da caixa-baixa, naturalmente,

Salvo as iniciais, é claro,

Visto que são também as

Do Funcho e da Peônia

Que amanhã crescerão em cima.

---

Francis Ponge.<sup>17</sup>

# A Fábrica do Pré-Prado

*Le Mazet St-Voy*<sup>18</sup>, 11 de agosto de 1960  
(extrato de uma carta a Ph. S.<sup>19</sup>)

Não voltei a pôr o nariz em meus papéis desde Lausanne. Começo a ter vontade de trabalhar, mas as condições não são favoráveis: frio no quarto, frio e úmido na sombra e na relva.

Revi meu *pinhal*<sup>20</sup> (estamos a cinco minutos de carro de La Suchère<sup>21</sup>): inalterado. Já, aquele onde eu havia concebido *O Seixo*<sup>22</sup> desapareceu.

O que tenho vontade de escrever é *O prado*: um prado entre bosques (e rochedos) e riacho (e rochedos).

*Paris, 11 de outubro de 1960*

O PRADO. – Eu o concebi em Chambon-sur-Lignon, neste verão, não longe de Chantegrenouille<sup>23</sup>.

I, ê, ê, i.

Da (desde a) rocha (até) à água, o prado.

Ele bombeia, aspira e recalca, e flore. Sat prata biberunt<sup>24</sup>.

No alto (no lugar onde estávamos, donde o vi, pela primeira vez vi, concebi), encontrávamo-nos entre sarças secas: urzes sobretudo, agulhas de pinheiros, algumas filifolhas provavelmente, entre os rochedos e os fustes de árvores.

E bem abaixo de nós corria um rio (o Lignon) atrás de uma sebe irregular, na orla, de pequenas árvores e de rochedos, e havia rochedos também, além disso, no leito do riacho.

Entre os dois, o prado. Uma teoria de passeantes o invadiam à beira da água.

Refleti então sobre sua origem, sua natureza. Uma metamorfose da água, pensei comigo, juntada à terra, isto é, à rocha reduzida a pequeníssimos fragmentos e misturada a todas as espécies de detritos dos outros reinos, vegetal e animal. Tudo reduzido a grãos ínfimos – e *aleitados*. Que, entretanto, se erguem, flocem.

Único lugar de passagem (transversal, por vezes, mas sobretudo longitudinal, lateral) entre as rochas abruptas e o leito de afogamento, de perdição. Único lugar onde se possa pôr o pé comodamente. Pode-se calcá-lo.

Aleitado, pode-se calcá-lo.

Lugar de passagem; lugar também de pastagem: pode-se assimilá-lo.

Paris, 11 de outubro de 1960

### O Pré-Prado

Desde a rocha até à água, o prado. Ele bombeia, aspira e recalca e flore. Sat prata biberunt. *Pré* [Prado], palavra breve, singular, com acento agudo. Ponto e acento: relva. Uma metamorfose da água juntada à terra, isto é, a rocha e mil detritos dos outros reinos animal, vegetal, tudo reduzido a grãos ínfimos e aleitados. Erguem-se como caulículos, florem. Lugar de passagem, transversal por vezes, mas sobretudo longitudinal ou lateral, entre as rochas abruptas falésia vertical e o leito horizontalidade profunda de afogamento, de perdição. Pode-se calcá-lo. Lugar de passagem e lugar de pastagem. Pode-se assimilá-lo; é um alimento. Caldo de cultura (sã)? Não: Prato de cultura. Deve-se adequar bem esse último membro de frase. A noção que nele é mal comunicada é importante.

Um bilhão de pequenas bombas aspirantes que se podem calcar não recalcar. Sua diferença em relação aos musgos. Menos uniformes, menos regulares, menos trançadas, menos encrespadas, menos encaracoladas. Em multidão, variada. Uma multidão variada de pequenas bombas aspirantes. Pode-se calcá-la. Aleitadas, elas se reerguem. Uma evaporação quase terminada, e que então se ajuda a si própria. Constrói seus canudos. Metamorfoseia-se. Nos ápices, desabrocha. Tudo no caule e nas (ou na) flores, nas flores, quase nada na folha. Caules e flores; caules: folhas verticais longas enroladas em caules. A relva. Visto do alto, uma mão de tinta, uma camada, estender uma camada, de cor tranquilizante. Não somente a cor, mas a forma que sugere estender-se, convida a isso. Visto de baixo: uma praia, uma plataforma onde é possível saindo da água içar-se, depois estender-se sem seca.

Eu o havia concebido em Chambon-sur-Lignon neste verão, não longe de Chantegrenouille. Diferença entre a gotícula líquida ou acento (agudo aqui) ponto no i e a vírgula da relva. Vírgula, varinha.

Na relva molhada há ponto de orvalho no i.

Prado de Chagall.

O bebedouro da vaca e do asno, há o que beber e o que comer.

Muito aquoso, mas de cor nutritiva.

A tenrura, a alface-de-cordeiro é uma erva para salada. Uma carícia do polegar que apaga as asperezas, estende a cor, a matéria.

No alto havia as sarças *secas*: urzes sobretudo, agulhas de pinheiros, algumas filifolhas entre os rochedos e os fustes de árvores. Uma desordem vertical ou cruzada, oblíqua e seca.

Mais ou menos úmido ou impregnado, embebido, o prado.

Mais ou menos impregnado ou drenado, o prado.

*Paris, 11 de outubro de 1960 (continuação)*

O Prado

Acima dos prados, ao albor e à noite, o lençol de bruma.

Todo o dia, aliás, quase imperceptível, um outro lençol.

Como isso retém e quase reflete o azul do céu, ou o cinza mais ou menos rola das nuvens.

Como os crocos ou os cólquicos na primavera ou no outono materializam subitamente isso (pontilhismo) em amarelo ácido (primavera) ou malva (outono).

A partir daqui em minha página vem o galope. O galope da escrita, de acordo com a inspiração.

As marcas dos cascos do potro que nele galopou (no prado), ou do gado que para ele lentamente se precipitou depois o pisoteou rumo, até ao bebedouro: moagem. Relva deitada, esmagada, ficando a terra vegetal por cima.

Há algo de frágil no prado.

Frágil, mas não frangível: esmagamento possível, não ruptura, nem fratura.

Esmagável. Pintura de uma só camada. As partes secretas se destacam.

Assim, isso é muito mais precioso ainda que o mais fino dos tapetes persas.

*Paris, 12 de outubro de 1960*

*O prado*

Como eu dizia a Ph. S., ontem à noite, portanto em 11 de outubro, no terraço aberto, no lado leste, na Closerie des Lilas, que eu havia enfim começado a lançar minhas primeiras notas sobre aquele *prado* (ou *daquele prado*) a respeito do qual lhe havia escrito, há dois meses, que eu acabava de concebê-lo (ou somente de *vê-lo*, ou *prevê-lo*: e de desejar *fazê-lo*), ele me citou Rimbaud: “o cravo dos prados”<sup>25</sup>. Pedi-lhe logo que se calasse, mas que me copiasse a frase de *minha carta-para-ele*, referente a esse assunto.

Que se calasse? – Mas já era tarde. Volto a pensar hoje nesse cravo rimbaudiano. Por que será justo isso? Porque realmente o prado soa como um cravo, em oposição aos órgãos da floresta vizinha (e das rochas) e à melodia contínua, o arco do riacho (ou da água). Que *significa* cravo? *significa*: teclado (estendido em várias oitavas) de notas *variadas*, cujo timbre é antes *grácil*, pinçamento de ou percussão em cordas *finas* (relva), explosões como *carrilhões* pequenos e sem pedais, *breves*: um pouco uma música de caixa de música: caulículos e florículos, campo variado (do grave ao agudo), desabrochamento, eclosão, explosão de flores pequenas, vivas e variadas, sobre caules breves, e gráceis. Vozes amaneiradas. Campo variado e em geral rigoroso de vozes amaneiradas, gráceis. Prazer refinado, delicado, embora quase prosaico: fastidioso, menos cantante que o órgão ou o arco (em um dos concertos brandemburgueses de J. S. Bach uma longuíssima, variadíssima, insistentíssima e fastidiosa-no-grácil sequência do cravo em solo<sup>26</sup>): no mesmo plano que a palavra, a voz humana: precipitado ou lento, de igual ritmo: nada do elã (decolante) do violino, nada do ronco do órgão: isso parece vir do

espírito e dos lábios (da ponta dos lábios), não do coração, nem do corpo (das vísceras), nem mesmo das cordas vocais (?)

A propósito da justeza (relativa) ou habilidade intuitiva, poética, da expressão “cravo dos prados”, observar também a associação de ideias com Josquin des Prés<sup>27</sup> (música arcaica, com o *Pré-aux-Clercs* e *Saint-Germain-des-Prés* (bairro de antiquários) (ou de escolares, de eruditos, de disputadores, de duelistas) (lugar da decisão)<sup>28</sup>.

*Paris, 16 de outubro de 1960 (1)*

### O prado

Chegou o momento de ir ao dicionário. *Littre*. *Pré* [Prado]: 1º *Terra* para feno ou para pastagem. 2º *Pré aux clerics* [Prado dos eruditos] (daí, segundo *Littre*: no prado, campo dos duelos; depois, no prado: no momento da decisão).

*Rente de pré* [Renda de prado]: é a renda mais segura.

Dizia-se antes *la préé*. Isso se conservou no *Berry*<sup>29</sup>. Tudo vem do latim *pratium* (plur. *prata*), cuja origem, diz *Littre*, é obscura.

Nada de tudo isso, nem as definições, nem o histórico, nem a etimologia, me dá nada, nem me parece em absoluto interessante, em razão certamente da ignorância em que ficamos quanto às origens do latim *pratium*.

Provençal *Prat*. Espanhol *Prado*. Italiano *Prato*. Português *Prado*.

“*Sat prata biberunt*”, em Virgílio: isso é que é positivo. É assim que entendo. Isso me parece essencial.

A saturação dos prados.

*Préau* [Pátio] seria de *pratellum*, diminutivo de *pratium* (provável)

Seria essa a única palavra, em francês, da mesma família?

– Claro que não; há também *Prairie* [Pradaria], que é um terreno coberto de plantas herbáceas para pastar ou para ceifar (portanto sinônimo de *pré* [prado]) e que vem do baixo-latim *prataria* de *pratium* (prateria em italiano, praderia em espanhol, pradaria em provençal e em português, praisie ou prâsie em berrichão)

E ainda *pradelle*, nome dado em algumas províncias às (más) pradarias naturais; *pradier*, operário contratado para cuidar das pradarias: cercar, regar, expedrar; *prairial*: plantas prairieais; depois o mês (maio-junho) do calendário republicano<sup>30</sup>.

*Larousse* não é mais interessante (antes menos)

*Paris, 16 de outubro de 1960 (2)*

No dicionário devemos estudar ainda a proximidade entre *pré* [prado], *prêt* [pronto] e *près* [perto]. Como até uma frase do Littré, na Etimologia de *pré*, a isso nos leva:

“Os etimologistas latinos o (pratum) olham como uma síncope de *paratum*, a coisa pronta; mas essa etimologia, diz Littré, não é sustentada nem pela forma nem pelo sentido...” Ah perdão!... mas voltaremos a isso.

Vejamos primeiramente *près*. O plural *prés* [prados] e o advérbio *près* não diferem senão pela direção do acento (agudo ou grave), pela direção do voo do pássaro que os sobrevoa.

*Près*: na vizinhança de (espaço ou tempo). É um advérbio.

*Etim.* do latim *pressum*, espremido.

Presser [Espremer] vem do latim *pressare*, frequentativo de *premere* pelo supino *pressum*.

*Se presser* [Espremer-se]: apertar-se uns contra outros. (Isso, entre parênteses, não convirá à relva do prado?)

E agora *prêt*.

*Prêt*, que está disposto a, preparado para.

*Prêt à* [Prestes a] (a ponto de), prestes a morrer.

*Prêt de*: disposto a. Hoje os gramáticos decidiram que se deve dizer: *prêt à*. Essa decisão é arbitrária (de acordo com Littré).

*Prêt de* [perto de]: a ponto de.

*Etim.* prov. e catal. *prest*; espanhol, portug. e ital.: *presto*.

Do latim *praestus*, que se acha em descrições e na lei sálica e que está na língua clássica sob a forma invariável e adverbial: *praesto esse*; é formado de *prae* (antes) e *stare*.

*Praestare* em latim, *prae* (diante) *stare* (manter-se em pé).

*Praestare* em latim quereria dizer fornecer (prestação).

*Prêt* [Empréstimo], ação de emprestar dinheiro ou algum outro objeto *etim.* de *presto* (ital.). Nada é tentado para explicá-la. É bem estranho! Assim em lugar algum é relacionada com *paratus*: *paré* (preparado).

*Paris, 16 de outubro de 1960 (3)*

É, no entanto, dessa origem a meu ver possível (origem? – pelo menos parentesco) que tiro, intuitivamente, a razão da proximidade sonora (fonética) entre estas três palavras: *pré*, *près*, *prêt* (*parentesco* vem também de *par*, igual, próximo).

Há também, a ser estudado: *proche* [próximo], *proximité* [proximidade], evidentemente da mesma família que *près* (e provavelmente das duas outras: *près* e *près*).

Vamos lá (o dicionário, de novo). Littré: *Proche* [Perto], preposição: na vizinhança de.

1º na vizinhança de.

2º advérbio: ele mora aqui perto.

3º adjetivo: que está *perto*. Vizinho, próximo.

*Prochain* [Próximo] anuncia uma maior proximidade que *proche* [perto].

*Etim.* Vem do latim *prope*, próximo; e proximidade, de *proximus*, superlativo de *prope*. *Proismeté* é a forma antiga e francesa (sic); proximidade foi feito a partir do latim.

No francês antigo, foi *praef*, *prof* (próximo de *presque* [quase]).

E então *presque*? Ah sim, é a mesma coisa.

*Presque*, advérbio, aproximadamente.

*Etim.* *près*, que.

Ah! parece-me cada vez mais estranho que *près* e *proche* não sejam relacionados.

*Paris, 16 de outubro de 1960 (4)*

Mas voltemos à minha intuição, relacionando as três palavras, *prés*, *près* e *près*. E dela me servirei para precisar meu *prés-prado*.

Perto (próximo) ao mesmo tempo da rocha e do regato, riacho. Dos bosques e do rio.

Pronto para pastar ou para ceifar, pronto também para nos servir de lugar de repouso ou de passeio cômodo,

Empréstimo da Natureza ao homem e aos animais (empréstimo feito de bom grado pela natureza), prestação.

Lugar bem preparado,

Ornado com mil flores,

o prado, etc.

E resalto isso pela diferença, pela qualidade diferencial do *prés* (acento agudo), comparado a *près* e a *près*.

Comparado também a *prairie*.

Pré é breve: recém-cortado, ou aparado, nunca com mata muito alta, mas em pé. E seu *é* tem todos os valores do ditongo ai e do ie e dos dois *i* em prairie. Seu acento agudo está o mais próximo possível... do ponto no *i*.

Isso pode ser facilmente desenvolvido, precisado, “provado”.

*Paris, 16 de outubro de 1960 (5)*

Com efeito, o *pré* é sobretudo verde, se algumas vezes é florido. Breve (em extensão e em altura) e verde; de um verde agudo. Sobrevoado (por seu acento agudo). Eis uma ideia nova: sobrevoado. Por insetos e às vezes por pássaros. Sobrevoado, aliás, mas acima de tudo breve. Sobretudo breve. Quase plano. Aparado rente. Lugar da decisão. Duelo. Decisão clara. Ideia clara. Nítida. Nítido.

Limpo, e verde, e fresco. Leito pronto, feito. Leito. Camada. De uma ou várias camadas de cor, verdes. Uma mão de tinta, tranquilizadora, de cor verde. Regozijadora, porque nítida. Uma camada de cor verde sobre um fundo (de preparação) cor de terra (inteiramente recoberto).

*Paris, 22 de outubro de 1960*

O prado, também, é um *modo de ser*. Decidamos *entregar-nos a ele*, hoje.

Passivo.

*Paris, 27 de outubro de 1960*

Um modo de ser, ou seja, um caráter, um indivíduo.

Tem uma origem, uma hereditariedade.

Resulta de uma certa dosagem do mineral, da terra vegetal (dos três reinos) e da água.

Isso fornece (apronta) um certo tipo de prato vegetal, a relva (as plantas herbáceas) que são também por vezes degenerados de cereais, etc.

Um certo musgo (muito diferente do musgo), ou mofo (muito diferente dos mofos).

Tem um comportamento (uma expressão, uma gesta, um rosto particular)

Tem um modo de morrer (e de se perpetuar): um modo de perpetuação particular.

*Paris, 15 de novembro de 1960 (1)*

*O Pré-Prado*

Há uma grande diferença entre *le pré, les prés, la prée, la prairie*.

O prado é o lugar da decisão. Tudo nele está pronto para tanto. A natureza o aprontou, o aprestou para tanto, tudo nele está preparado, adornado com alfinetes, entre sebes de pilriteiros. Está aparado muito rente, estendido entre sebes de pilriteiros (pilrinetes)<sup>31</sup>.

É o lugar da disputa dos eruditos.

O lugar do combate breve (sebes de alfinetes de cabeças brancas ou rosa (cor de poeira branca ou de aurora)).

O lugar onde se deita o adversário, ou onde se é deitado por ele.

Os prados opõem-se aos bosques e aos campos.

*La prée* é o prado florido. A pradaria, um conjunto de plantas prairieais.

*Paris, 15 de novembro de 1960 (2)*

O bilhar (mesa forrada de feltro verde).

O tapete verde dos conselhos administrativos.

Esvaziemos de golpe essa querela.

O prado é o lugar da decisão.

Adornado com sebes de pilriteiros, é o campo cercado, a “quadra” de um combate singular: quadrado, nítido e aparado rente, recém-brotado, é o campo cercado preparado pela natureza para os passes rápidos de um combate breve, as querelas esvaziadas de golpe.

Nele coloca-se a garrafa para refrescar, um frescor definitivo.

Quer se deite o adversário, quer se seja deitado por ele, ele é colocado ali para refrescar, um frescor definitivo.

Nele respira-se então ar fresco, um frescor definitivo.

*Paris, noite de 14 para 15 de dezembro de 1960 (1)*

O Pré-Prado

Preparado pela natureza, pronto para ceifar ou para pastar, o prado, superfície amena, a mais amena das proposições, é também o lugar da decisão. Nele deitareis vosso adversário ou sereis deitado por ele.

Adornado com rochedos, dois na orla do bosque, os outros pegados à torrente (ao rio) como o pescoço da bela ao colar; ou, por vezes, com sebes de pilriteiros.

Renda de prado, diz-se, é a mais segura. Recém-tosado ou aparado rente. Esperado pelos vagamundos, pelas ninfas, salão de baile das ninfas, pelos dançarinos, pelos ruminantes, pelos viajantes, passeantes. Breve, conciso, *pré* (suprima o *s* de *près*, tire de *prêt* o *t*). Reduzido ao valor de um prefixo e até mesmo, mais precisamente, ao prefixo dos prefixos, ao prefixo por excelência, soa como uma única corda pinçada.

Sobrevoado por um acento agudo, o mais agudo que há, o mais próximo do ponto no *i*, como uma estrela fixa transformada de repente em aerólito, que fizesse o mais curto trajeto possível na atmosfera.

Por não haverdes deitado (se não deitardes) vosso adversário, nele sereis deitado por ele.

Dizia-se outrora *la prée*. Temos agora *la prairie* e *le pré*.

A mais amena das proposições, suposição amena,

O prado: cestas de garrafas cheias, aspiradas, canudo na garrafa de soda; ou vazias. *Sat prata biberunt*; biberões. Não seria então um cravo, mas um xilofone.

É colocar nele a garrafa para refrescar, um frescor definitivo. Breve mão de tinta monocroma: pelo olho, quando o olhamos, parece que nele nos deitamos (ninfas).

O prado, que pode ser o lugar dos longos palavreados dos eruditos, é também o lugar da disputa breve dos nobres, enfim, o lugar da decisão.

*Paris, noite de 14 para 15 de dezembro de 1960 (2)*

Preparado, esperado, sobrevoado como por um, pelo instantâneo de um pássaro rápido, voando baixo *em sentido inverso ao da escrita* (em contrassenso) (assim é o acento agudo).

A propósito do prado, isso já é, portanto, alguma coisa. E há outra coisa:

a espécie de elemento-alimento que ele representa. É uma espécie um pouco mais consistente que o líquido, uma espécie criada de uma mistura dos reinos, dos três reinos: mineral, animal e vegetal.

Sua origem. *Como a moraina das florestas*. Há algo da moraina no prado. Não seria algo como a moraina das florestas? Talvez ele seja para os grandes bosques o que a praia é para a falésia

(há algo da praia de areia ou de saibro fino, no prado). Praia-vegetal, fresca, macia, fértil, comestível (até mesmo para o homem, através dos ruminantes).

Sim, uma espécie de elemento. Haveria então quatro: a terra, o ar, a água, o fogo, o prado. Sim, o prado que, também ele, pertence ao mundo como um de seus assentos. O vegetal reduzido à sua mais simples expressão (a relva). Em relação ao mais alto vegetal: árvores, bosques, florestas, em todos os sentidos dessa palavra, sua saída, sua redução ao longo do tempo, estirada horizontalmente no espaço, sua saída a seus pés. Seu complementar (na forma desta vez... na cor), se o horizontal e o vertical podem ser considerados como complementares.

*Paris, noite de 14 para 15 de dezembro de 1960 (3)*

O prado é estendido horizontalmente pela natureza como um de seus sucessos finais (como de um só traço, como de uma só pincelada ou toque de broxa),... um de seus mais perfeitos fins: assim como a praia de areia (para o mineral) ou o mar, ou um lago (para o estado líquido da matéria). A terra vegetal que já é, por, em si mesma, um complexo de restos dos três reinos divididos e amassados ao extremo, produz, recebe vegetais muito primitivos (simplistas) ou muito degenerados (muitos são cereais em potência, ainda na infância ou, pelo contrário, degenerados.

É o que é maravilhoso no prado: essa elementaridade (adquirida; requintada também) e também – mas isso é outra coisa – essa *alimentaridade*, como se manda moer a carne no açougueiro.

Há algo do bife de carne moída no prado.

Moída *miúdo*: há algo de miúdo, esmiuçado, de *menos* no prado.

Algo a menos e a mais. Algo do desbaste, mas, na verdade, nada mais para a marcenaria (já não há madeira).

Ausência de madeira (matéria).

*Paris, noite de 14 para 15 de dezembro de 1960 (4)*

O que é a madeira, um início de carbonização. No prado (na relva) estamos o mais longe possível (em matéria orgânica) do carbono e provavelmente o mais perto possível do hidrogênio (e da clorofila). Oxidação, carbonização dão a madeira (CO<sub>2</sub>). Aqui deve haver pelo contrário muito hidrogênio e azoto (????) (Estranha, essa intuição!, estranha!!!), pois é tão verde.

mas a função clorofiliana é desprender CO<sub>2</sub> (é isso mesmo?)

Por que cloro? (Há cloro nisso?)

(Afinal de contas, por que não? eu acho que sim! Não vejo problema nisso). A matéria orgânica são essencialmente hidratos de carbono. O (caráter) (lado) nascente – ou renascente – do prado (como a palavra no estado poético). Renascente, renascença = perpetuação. Renascente, renascença: a primavera de Botticelli<sup>32</sup>: é um prado florido de florzinhas (boninas,

campânulas, etc.,) O prado de Malherbe<sup>33</sup>. O prado onde dorme Átis em Góngora (Polifemo)<sup>34</sup> A Pre (ciosidade) O freixo como outrora.

*Paris, noite de 15 para 16 de dezembro de 1960 (1)*

*O prado*

Ah como se poderiam dizer coisas lindas a propósito do prado! Assim:

“Eu ceifei desse prado a largura da língua.”

Mas dele eu gostaria de tirar outra coisa: um caráter, uma lei.

“Pastar a relva em um prado.”

“O cravo dos prados” (Rimbaud). Precisamente por várias razões, uma das quais é esta: Josquin des Prés.

Lembro-me de um poema de André de Bouchet<sup>35</sup>, no qual ele falava, a propósito de relva ou de prado, de “garrafas”: isso era ótimo. Por quê? por causa do *Sat prata biberunt* (em Virgílio).

Essas garrafas são evidentemente garrafas de leite, i. é, quase biberões. A música das garrafas assemelha-se à dos prados. Garrafas dos leiteiros, engradados de garrafas (grandes caminhões dos entregadores de garrafas). A música dos grandes caminhões dos entregadores de garrafas. Garrafas dos leiteiros, biberões.

E agora o vento:

A música dos biberões dançando na panela (de alumínio) do banho-maria, dançando em banho-maria. Que linda música faz, no banho-maria dos prados, fremente, a dança dos biberões da relva. Que linda música fazem na ida e na volta, sobretudo na volta, os caminhões dos entregadores de garrafas. Sobretudo na volta. Engradados de garrafas (a maior parte vazias) ou engradados para garrafas. Os compartimentos, os engradados...

O prado é um gramado não interdito

Prado proibido, gramado interdito

Prado saturado, prado embebido, gramado não proibido

*Paris, noite de 15 para 16 de dezembro (2)*

Os prados são por vezes a parte sólida de um vale, sólida, quero dizer a menos líquida, não líquida (não o próprio pavimento líquido)

A parte (não carroçável, a palavra não seria justa, mas) digamos andável, ambulável, pisoteável onde podemos também sentar-nos, deitar-nos. A parte aprazível (e bem-vinda), a parte

frequentemente ainda muito úmida, embebida, por vezes saturada, mas enfim onde o sólido predomina sobre o líquido, de modo que nela se possa pôr, apoiar o pé.

*Paris, noite de 16 para 17 de dezembro de 1960*

O prado não pode ser dito com uma nota só, um pouco prolongada, mas sem demasia, a não ser de flauta ou de pífaro (pois um pouco de ar em movimento lhe convém e a ideia do canudo ou do tubo), mas antes (mais exatamente ou mais finamente) com várias mas muito próximas como naquilo que se chama trinos ou trilos e isso em um tom sempre bem definido, praticamente entre os verdes

apojaturas (notinha na qual nos apoiamos antes de atacar a nota principal).

*Depois de 10 de maio de 1961*

O prado é tocante para o coração, interessante para o intelecto, porque é o lugar do mundo em que o tecido vegetal é o mais unido (embora o mais dividido), o mais *encobridor* (embora o mais delgado), o mais simples (embora o mais variado), o mais modesto, o mais fino.

A noção de prado.

Tudo é uma questão de escala. Em nossa escala, o prado... etc...

O mais homogêneo, mas sem monotonia. Muito menos homogêneo certamente que um campo de trigo, de trevo ou de alfafa, e no entanto...

*10 de novembro de 1962 (I)*

Adornado com rochedos ou com sebes de pilriteiros.

Desmoronamento, avalanche ou renascença com fineza e suavidade das florestas, moraina das florestas.

Adornado com pilriteiros

Adornado com rochedos ou com sarças de pilriteiros

Areia ou moraina das florestas

Areia fina vegetal, areal, areão, areeiro ou moraina das florestas

Fineza da renascença

A renascença com fineza das florestas, a verde encarnação do lago, da torrente, do riacho: *da chuva*. Pura seiva erguida

cobre superficialmente

Com uma só camada (mas não, está errado, é o contrário de uma camada visto que cada elemento é uma haste *vertical*)

Uma só camada (uma só mão de tinta de cor verde) maravilhosamente encobridora vou dizer imediatamente por quê.

Aparado mais ou menos rente. Não: a barba volta a crescer, ao contrário, de baixo para cima, em resposta à chuva.

Maravilhosamente em pé. Jato.

A seiva sobe, a seiva nele sobe.

Sempre nítido, novo e polido, o mais limpo do mundo, o próprio verdor.

*10 de novembro de 1962 (II)*

A maravilha dos prados, e o que deles devo dizer, por mais simples que seja e, portanto, por mais difícil, é que é uma mão de tinta, que eles aparecem como uma amena mão de tinta, mas de agulhas erguidas maravilhosamente em pé, em um elã vertical, um jato (d'água encarnada) de uma maravilhosa lentidão, suavidade, e de uma maravilhosa simultaneidade.

Unido, mas milhar (mas um milhar unido de consciências erguidas).

O vegetal elementar em estado nascente.

A fineza mineral e o líquido reunidos, a poeira, a areia das florestas.

O *princípio* vegetal (máxima em pé, a seiva nele sobe):

Em princípio

com fineza

de um só elã (não, de um milhar),

de uma magnífica energia e perseverança, mas de uma maravilhosa lentidão e compostura para permanecer alinhado, para que um não ultrapasse muito o outro, uma emulação extrema multiplicada pela compostura obrigatória do elã, uma evaporação concreta (sólida),

o sólido para cima (de baixo para cima).

O prado é a própria emulação,

a transmutação a cada instante em uma nova matéria (a matéria vegetal, forma elementar de vida) de dois princípios inertes: a água e o mineral, divididos e misturados (mixados ao extremo).

A seiva nele sobe.

Jato de seiva em pé.

Máxima desvendada em pé

e jato principal (verde principal)

... e o verde paraíso dos amores infantis<sup>36</sup>.

10 de novembro de 1962 (III)

O Prado (continuação)

Fino tapete unido de um milhar de consciências erguidas

em um jato (mil jatos) de uma lentidão e de uma simultaneidade extremas.

Cada erva, agulha e linha ao mesmo tempo.

De uma matéria (e de uma forma) linha e agulha ao mesmo tempo.

Extensão da qual cada elemento (cada ponto) está erguido, torna-se uma haste.

E quanto a vós, homens, a esse lugar da decisão

chegais em pé, cruzais espadas, deitais vosso adversário ou sereis deitado por ele (em cima primeiro, depois embaixo, pelos cuidados de vossos amigos) *para* chegardes a uma perfeita horizontalidade.

E vós, homens, em suma, para chegardes a uma perfeita, à mais perfeita horizontalidade, chegais em pé, depois cruzais espadas oblíquas para chegardes enfim à mais perfeita horizontalidade (em cima primeiro, pelos cuidados de vosso inimigo, depois, pelos cuidados de vossos amigos, embaixo.)

11 de novembro de 1962 (I)

Adornado com rochedos ou com pilriteiros, ou com sarças de pilriteiros, o prado, superfície amena, em resposta ou apelo à chuva, em apelo ou resposta à chuva.

Verde encarnação da chuva.

Jato de seiva em pé em resposta à chuva.

Uma intensa emulação extremamente lenta multiplicada (em extensão e lentidão) pela postura obrigatória do elã.

Há algo de *espontâneo* no prado.

Muito menos homogêneo, porém, que um campo proposital (semeado, cuidado).

Gramado não interdito.

Essa superfície amena: em resposta à chuva, ou em apelo (espontaneamente) à chuva.

Instalação de um sistema de alarme ou de alerta.

Essa emulação, jato de seiva em pé, responde espontaneamente à chuva.

Uma extensão de verde que jorra lentamente em apelo anônimo ou resposta à chuva.

*11 de novembro de 1962 (II)*

O pré  
(fragmento)

Sobrevoado da direita para a esquerda por um brevíssimo aerólito, em sentido inverso ao da escrita, pela instantaneidade de um contrassenso.

O pré, sob essa luz, essa consideração de um instante (em sentido inverso ao da escrita).

O pré merece, sob essa luz, a consideração de um instante:

*o instante que basta para pronunciar seu nome.*

Essa arranhadura de um instante, como pelo pinçamento oblíquo da corda pela unha ou pelo..., que faz jorrar a nota (fonema monossilábico), como o pinçamento da corda pela unha ou pelo...

O acento agudo do pré,  
essa arranhadura do céu azul.

O pré-prado verde sob um céu azul, arranhado, iluminado um instante pelo mais breve dos aerólitos que o ilumina um instante, da direita para a esquerda, com uma fulguração noturna em pleno dia.

Ó Despertar, esse contrassenso instantâneo, imposto à escrita...

*11 de novembro de 1962 (III)*

Uma superfície amena, em resposta ou apelo à chuva

Jato de seiva em pé, multiplicados

em quantidade e extensão

O prado é a mais suave das proposições

da natureza para o homem, animal vagamundo;

(Paraíso) de uma certa extensão

Sob um céu clemente

em um clima temperado (ou subtropical)

Camada natural, divã, tapete voador (não voador), garantia de repouso.

Carpete (ver no Littré). Carpe Diem, aproveita o dia, este dia<sup>37</sup>.

Enfim, um prado.

Leito e tapetinho de quarto.

*17 de novembro de 1962.*

*O Prado (é a esperança)*

Penso, não é, que um só prado natural é a prova mais simples, *comprova* o futuro e a variedade do mundo, campo de repouso e de vivacidade para o homem.

Teste de sua renascença em um lazer profundo, fecundo (ou superficial).

Amenidade e alimento, leito, mesa,

sob a vasta interrogação estrelada

sob as estrelas ou sob os céus encobertos,

sob a cobertura inquietante das brumas.

Verde encarnação da chuva. E da tempestade inicial (original), sequência suave, persistência e perseverança com suavidade.

Vasta e plácida reencarnação da chuva.

“O prado, superfície amena, comprova suavemente o futuro e a variedade do mundo.” (nota de 4/2/63)

Uma andorinha certamente não faz verão, mas penso, não é, que um só prado natural...

Convite ao repouso e incitação à esperança.

Cama e camping e lugar do almoço na relva<sup>38</sup>.

Halo, auréola das nascentes.

E, da tempestade inicial, suave e vivaz perseverança.

Lugar das nascentes (cada nascente cria seu prado).

Renascença com fineza e suavidade das florestas.

Verde e plácida auréola das nascentes.

Deve-se fazer com que intervenha aqui também a noção de *capilaridade*.

Cada nascente se cerca, se aureola com seu prado.

Toda (cada) nascente tem seu prado.

25 de novembro de 1962 (I)

Pré, o prefixo ou o nome? ou a crase de paratus?

Paratus, Pratus, Prado.

Assim, pois, nossa Natureza, Assim, pois, assim somos, Assim, pois, em nosso planeta, a natureza nos prepara prados.

A natureza nos preparou prados.

Por vezes, nossa Natureza (a Natureza em nosso planeta), LOUVEMO-LA!, nos apresenta, nos traz em uma bandeja, nos oferece, nos dá, prepara um prado.

Nossa natureza, a natureza em nosso planeta (LOUVEMO-LA!) por vezes nos apresenta, proporciona, preparou, oferece um prado.

Bandeja do almoço

Retângulo de tapete, o prado, superfície amena: deitemo-nos nele

Limitado, único, aprazível,

Preparado pela Natureza

Para nele nos...

Preparado pela natureza,

o prado, superfície amena,

deitemo-nos nele.

Sendo nossa natureza, bem como o que temos, as qualidades que temos ou que nos atribuem (às 4 horas e 30 da madrugada) o que nos prepararam ou nos atribuem; a natureza que teremos sob os olhos, sob nossa janela...

Preparado, Pronto, Perto

o prado é também o leito, o divã, o tapete elástico que nos é destinado:

ao mesmo tempo o leito e o almoço.

De repente de manhã cedo às 4 h da madrugada, apresenta-se uma mão de tinta horizontal, estritamente limitada, um toque de broxa horizontal, um quadrado de tapete mui convidativo para nele repousarmos, nos deitarmos; reposição, medida para nada, pausa...

É ao mesmo tempo o quadrado de tapete, *imóvel enfim* (*Enfim*, isto é, após os solavancos da noite, da viagem noturna imaginária), que nos é proposto, e a bandeja do desjejum.

25.11.62 (II)

O Prado  
(abertura)

Louvemos a Natureza!

A Natureza em nosso planeta,

Nossa

Natureza!

isto é, tanto

o que *somos*

cada dia. Ao despertarmos,

quanto o que nos é trazido

Por nossa janela

Prado quadrado, limitado

quadrado de tapete,

O prado é uma superfície amena, *limitada*, preparada

pela natureza.

que dominamos, vemos do alto

Assim, pois,

Nossa Natureza,

Assim, pois, por vezes somos nós!

Assim, pois,

em nosso planeta

(Louvemo-la!) – (Trombetas)

A natureza nos preparou, nos tem preparado prados.

*Paris, 25 de novembro de 62 (III)*

(Arranjado em 1º de janeiro de 1963, de manhã, ao sol, em meu escritório de Le Mas des Vergers<sup>39</sup>)

Por vezes, nossa natureza nos predispõe a um prado.

Nossa natureza, quero dizer tanto o que somos (cada manhã ao despertarmos) quanto a natureza em nosso planeta (o que nos é oferecido por nossa janela)

Por vezes nossa natureza, isto é,

a natureza em nosso planeta, nos propõe

*um prado* a que nossa natureza, isto é,

tanto o que cada manhã ao despertarmos

somos, nos predispõe...

O prado, eis o que por vezes nos

propõe nossa Natureza, isto é, a

natureza em nosso planeta, – e

louvemo-la por isso – visto que tanto

a esses prados nos predispõe o que,

cada manhã, ao despertarmos,

somos, isto é, tanto nossa natureza

Esse prado a que cada manhã nossa Natureza nos predispõe, tanto nossa Natureza felizmente no-lo propõe cada manhã...

*Paris, 27 de janeiro de 1963 (I)*

*Trabalho do Pré-Prado*

O pré-prado nada mais é que um fragmento de extensão, de espaço. Uma superfície limitada, que figura ou significa para mim ao mesmo tempo um participípio passado e o prefixo dos prefixos.

O pré-prado, limitado no espaço, nos apresenta ou propõe no presente, de modo ameno, um participípio passado e ao mesmo tempo algo como o prefixo por excelência, o prefixo dos prefixos.

Que com isso nos iluminemos sob o céu estrelado

ou nos extasiemos ou que nos embrumemos, nos envolvamos sob um céu encoberto.

O lado nascente ou renascente, perpetuamente renascente do prado.

Renascença. Prados de Botticelli; prado de Pisa;

Josquin des Prés. Em junho, a alegria dos prados.

O pré-prado, superfície amena, fragmento limitado de espaço, nos propõe e figura, no presente, por excelência, o que foi preparado para nós e também (ao mesmo tempo) algo como o prefixo por excelência. Por vezes, como adornado com alfinetes, com sebes de pilriteiros.

Superfície amena, dizia eu. Sim: superfície amena e convidativa, não excitante: incitante. Superfície amena. Sim, e convidativa. Não excitante: incitante... Que me entendam bem.

Em uma só sílaba, como em um só tom (vivo, verde, cru) e isso, é claro, no agudo. Monossilábico e monótono, mas no agudo.

Um pífaro ou uma corda pinçada (no grácil e no argentino), o cravo. Musicalmente, o fonema.

Uma toalha de mesa, um lençol a branquear no prado, estendido.

Adornado com alfinetes, com espinhos, com pilriteiros, com sarças, com sebes de pilriteiros, com tufos ou sarças de pilrinetes.

Em apelo ou resposta à chuva                      halo, auréola, lugar sagrado. Lugar das nascentes (vasta e plácida auréola das nascentes, auréola peluda das nascentes, como é também da tempestade inicial, sequência suave da tempestade original. Persistência e perseverança com suavidade, vasta encarnação presente das chuvas. Em resposta ou apelo à chuva.

*27 de janeiro de 1963 (II)*

Uma extensão de verde, em superfície aleitada, mas que, de todas as partes, também, jorra lentamente, em apelo anônimo, unânime, anônimo, em resposta à chuva. Verde encarnação da chuva, jato de seiva em pé em resposta à chuva.

Emulação freada pela própria tensão mas unânime do elã e pela preocupação (ou pela dancão) de ficar juntos.

Milhões de caules, de floretas. Em suave aquiescência unânime anônima.

De opúsculos e de operetas. De opérculos e de caulículos.

Cordas de cravos, pinçadas. Regretas, gráceis.

Uma suave aquiescência, anônima, unânime, por vezes ondula o prado.

*E o mais simples tapete plano, e o mais suave tapete fino.*

Horizontal ou vertical: nada de cruzado, e nada de oblíquo.

Por vezes uma ondulação suave, portanto vertical, mas suave,

nada de oblíquo, mas por vezes uma curva unânime (ao sopro do vento), mas por vezes uma suave ondulação unânime, uma suave aquiescência unânime anônima.

Graças a Deus, não somos meramente um pintor e temos outra coisa a dizer do prado do que tomando nossa broxa esboçar, espalhar, estender parelhamente em sentido horizontal, uma camada, uma toalha, uma extensão de verde, pois enfim

1º O pré-prado soa (música, cravo, Josquin des Prés).

2º O pré-prado também é uma oportunidade de obra-prima de espírito. De obra-prima lógica, uma perfeita noção lógica, simples, complexa: participio passado, prefixo dos prefixos,

E ele também tem para expulsar tudo o que precede, para arejá-lo e dissipá-lo, um odor, um hálito, uma respiração (clorofiliana).

Sonhado na noite de 22 para 23 de fevereiro de 1963

... (uma frase perdida)

(depois) *A platitude é uma perfeição*<sup>40</sup>

... (Duas frases perdidas)

*23 de fevereiro de 1963 (10 horas da noite)*

Cá estou nesta noite totalmente desanimado, e como que perdido. Nada mais dá certo. Percebo que não sei mais escrever (quero dizer segurar uma caneta).

Meus óculos também me parecem insuportáveis.

Totalmente desanimado.

(Há dias e dias) – Mas a novidade é que isso tome esta forma (incapacidade para a caneta, para os óculos).

O prado é umas das coisas do mundo mais difíceis de dizer.

Por quê? Por que isso?

“O prado, superfície amena, moraina (não está bom, pedregoso demais) das florestas”: é só isso que me volta espontaneamente de meu longo trabalho, de tantos dias há anos (três e meio). Nada mais.

Vou, vou, pois, deitar-me nele.

E tudo, então, estará acabado.

Ou ainda: Quer dizer que deverei deitar-me nele?

Talvez seja por isso que o escolhi (que escolhi esse assunto)? Porque devo, deverei deitar-me nele, estirar-me nele, estender-me nele. Porque não sou mais capaz face a esse assunto (face a nenhum assunto) senão de me estender nele (e de me calar, e de ficar em silêncio, e de cochilar em seguida).

*23 de fevereiro de 1963 (2)*

Oh, mas, subitamente, do verde a maravilhosa simplicidade me ressuscita!

Oh! que, então, a maravilhosa simplicidade dos prados venha em meu socorro.

Sim, a maravilhosa simplicidade do prado virá em meu socorro.

A maravilhosa platitude e simples perfeição do prado virá em meu socorro.

A maravilhosa platitude do prado assim virá em meu socorro.

(É isso, pronto, ei-la dita.)

Pronto; ela foi dita.

E de pronto a ressurreição do verde me ressuscita.

A platitude – *depois*, a ressurreição das agulhas do verde.

Ah! que a maravilhosa platitude do prado venha em meu socorro, a mim estendido,

e que a ressurreição das agulhas do verde me ressuscite!

(e, de pronto, que a ressurreição das agulhas do verde me ressuscite...

e, de pronto, que, com a ressurreição das agulhas do verde, eu ressuscite!)

*24 de fevereiro de 1963 (5 horas da manhã)*

*O Prado* (do desânimo e da ressurreição).

Tendo a platitude inicialmente sido dita,

a verticalidade da relva nos ressuscita.

Tendo o desânimo sido propício à tomada de consciência da platitude do prado,

a consciência subitamente da constante insurreição da relva nos ressuscita.

Após um desânimo propício

à expressão da platitude do prado,

A consciência subitamente da incessante

ressurreição do verde nos ressuscita.

Desânimo e ressurreição

Abandonamento e ressurreição.

No prado do abandono a verticalidade

da relva nos ressuscita

a verde verticalidade

a verdecidade

a verde qualidade

Tendo a platitude do prado inicialmente sido dita,

a tomada de consciência subitamente da constante insurreição da relva nos ressuscita.

24.2.63 (2)

Bem perto do abandono

estendido nesse prado

E quase decidido a não sair mais dali

A guardar silêncio

A morrer em cima

Para ser colocado embaixo

sem mais um gesto a fazer,

A tomada de consciência subitamente

da verticalidade da relva,

a constante insurreição do verde

nos ressuscita.

Pois o prado é enfim:

uma evaporação que inventa seus tubos (seus canudos)

Uma insurreição que faz nascer suas tropas. Que faz nascer e recruta seu *regimento* (ver a palavra *régiment* no Littré).

A relva (as relvas) são os aspirantes da insurreição, da ressurreição do verde.

A água que, evaporando-se em direção ao céu (excelsior), carrega consigo, transmutando-os, ressuscitando-os, os restos orgânicos estreitamente misturados e os detritos minerais que constituem a terra vegetal (impropriamente dita vegetal),

essa espécie de cinzeiro universal.

Assim é o *lirismo* dos prados;

o *organismo* dos prados

(no sentido em que o *organismo* é o mesmo que os *órgãos*);

o *novum organum* dos prados.

Jacques Dupin “O cinzeiro da viagem”<sup>41</sup>.

24.2.63 (3)

A água (que o impregna) ressuscita o cinzeiro universal

(é preciso para tanto que ela morra por sua vez, que se evapore),

– E a relva, e a vida ressurgem.

*Conclusão:*

Assim, pois, a natureza, em nosso planeta,

*nossa natureza,*

assim nos propõe prados.

propicia

(*nossa natureza*, isto é, tanto,

*o que somos*

o que, cada manhã, ao despertarmos,

somos).

À *nossa natureza*, isto é,

ao que, cada manhã,

somos, o que ao despertarmos somos,

*Nossa natureza*, isto é, tanto

a natureza em nosso planeta,  
o que nos é oferecido por nosso planeta,  
À *nossa natureza*, pois,  
*Nossa natureza*  
cada manhã propõe (propicia), oferece  
prados  
Coda (no pretérito perfeito):  
Nossa natureza nos preparou (para) prados.

Francis Ponge

*24 de fevereiro de 1963, 8 h da manhã*

*História da matéria orgânica*

O que é o fogo? Bem, como sabemos, é uma oxidação muito rápida  
E sabemos que a oxidação é a morte O fogo, a *anima*, sopro de hálito  
quente, esse sinal da vida, é também o caminho mais rápido para a  
morte.

Mas inversamente a vida, a morte (dos organismos)  
é, portanto, uma oxidação muito lenta,  
um fogo muito brando.  
Assim se veem, por exemplo, no outono, as folhas amareladas avermelhar-se  
depois cair.  
E o que resulta disso no fim?  
O cinzeiro universal, a terra  
(restos dos três reinos).  
Mas porém, por outro lado, em uma certa  
estação, quando volta o sol,  
a água tende a evaporar-se;  
ela, que reimpregna o cinzeiro

universal, quer morrer por sua vez  
sob o efeito do calor que  
torna a subir, renuncia,  
evapora-se  
mas então carrega  
consigo para o céu esses restos orgânicos,  
ressuscita o cinzeiro universal: a relva e a vida então ressurgem e eis o prado.  
A relva exprime, portanto, a ressurreição universal sob a forma mais elementar.

*Paris, noite de 11 para 12 de novembro de 1963*

*O prado que me emocionou ou O prado, lá onde o concebi.*

Tratava-se de um prado de montanha, mas não de um grande prado sob um vasto céu. Estávamos no vale de um rio bastante veloz, a correr entre grandes ou não tão grandes rochedos, mas em seu leito, a partir do qual as encostas da montanha se elevavam bastante rapidamente, deixando, todavia, aos passeantes uma bastante larga avenida horizontal: esse prado, justamente. (Tudo isso no tom do relato de um sonho.)

*Fim da manhã de 12 de novembro de 1963*

Lugar habitável, passeável. Superfície (extensão limitada) amena, preparada pela natureza para nosso estiramento, nossa reparação e nosso alimento, visto de repente como já habitado, passeado (percorrido) pelos bem-aventurados, criaturas enfim bem-aventuradas. Era domingo, um lugar do lazer eterno, uma recompensa, uma amenidade (enfim!) da natureza, um perdão, uma permissão, de relaxamento, de felicidade momentânea. O lugar também da ressurreição da vida universal sob sua forma mais elementar, o lugar da renascença do futuro, lugar preparado para tanto. Portanto, prefixo para tudo, prefixo para todos os verbos, para todas as ações, para todas as propícias ressurreições. Ao mesmo tempo participio passado (paratus, paratum) e prefixo dos prefixos, prefixo universal. Floresce. Flore.

*12 para 13 nov. 63 (1)*

O prado

Reunir cor verde,  
Pegar de uma bisnaga de verde provisão de verde, pro-visão,  
provimento e espalhá-lo sobre a página,

Isso não é fazer um prado. É, no entanto, por isso que  
sou tentado hoje. É somente por isso.

Isso não é fazer um prado, eles nascem de outra forma.

Eles surdem da página

(porém é preciso que seja página parda).

Provisão de verde surdindo de página trigueira

saindo

saída

terra parda

*O Prado*: Provimento ou provisão saindo de página trigueira.

O que jamais houve nem jamais haverá é o ninho de um rato na orelha de um gato.

(encantador provérbio encontrado no Littré onde, após haver lido o verbete *sourdre* [surdir],  
me extraviei no verbete *souris* [camundongo].)

*Paris, noite de 12 para 13 de novembro de 1963 (2)*

Nossa natureza por vezes (por lugares diversos) nos preparou um prado. Tudo nele é – como aqui nesta página, ou frase – tudo nele é com razão redobrado, multiplicado, ou antes adicionado, pleonasmático.

Tudo nele parece unido, simples, igual, contínuo, tranquilizador.

Tudo nele é condensado (“nossa natureza”).

*16 de novembro, durante a manhã*

Nossa natureza por vezes (por lugares diversos) nos prepara, nos preparou um prado e embora tudo nele seja então, como aqui, como na presente frase, com toda a razão, com bons motivos, redobrado, multiplicado, ou antes adicionado, tudo nele parece, no entanto, parelhamente espalhado, simples, igual, contínuo, tranquilizador.

Tudo, aliás, como nesta expressão “nossa natureza”, tudo nele é, parece condensado da maneira mais simples. Portanto, ao mesmo tempo condensado e espalhado.

Mas, para corrigir o que acaba de preceder com o que vai seguir, isso deve surdir da página, porém é preciso que essa página seja parda.

... e que essa página não seja tanto de papel branco quanto de terra parda (ou: “que essa página de papel branco remeta imediatamente a alguma página, jeira de terra parda”)

13 de novembro, manhã (I)

Nossa natureza, quero dizer, isto é, de acordo com a língua francesa,

obedeço à língua francesa ao escolher essas palavras para expressar ao mesmo tempo... em francês isso significa ao mesmo tempo o que cada manhã ao despertarmos somos e o que é oferecido a nossos sentidos, e o que é ou nos parece oferecido do exterior a nossos sentidos.

A Natureza, conforme a etimologia do Littré, é, como eu pensava, do mesmo radical que nascer, nascença: o sânscrito *jan*, que deu *na* (para *gna*; 23 de junho de 1964: eu poderia, portanto, intitular meu texto: “*Da gnatura dos prados*”, latim *gignere*, grego... com o sufixo *urus*, *tri*, *tor*, que forma nomes de agente; *natura* significa, portanto, a engendradora, a força que engendra).

E o Littré distingue e enumera aproximadamente trinta significações, das quais as mais importantes são estas:

1º Conjunto de todos os seres que compõem o universo.

(ver Voltaire *Diálogo*. XXIX, 2 e Dic. Filos. Deus.). Citações importantes de Descartes, Pascal, Bossuet, Buffon, Chateaubriand, Lamartine, Hugo.

2º Ordem estabelecida no universo, ou sistema das leis que presidem à existência das coisas e à sucessão dos seres (isso é tirado de Buffon, *Quadrúp.* t. IV, p. 1) Citaç. importantes de Pascal, Buffon, portanto, e Sennebier, *Ensaio sobre a arte de observar*, t. II, p. 39 em Pougens (naquela ocasião, li no Grand Larousse o verbete *Pougens*, que não me satisfaz. Será preciso ver nas páginas liminares do Littré se existe uma indicação do motivo pelo qual Littré gosta tanto de citá-lo). (Visto: ele faz menção importante disso no fim do Prefácio.)

3º Espécie de personificação do conjunto das leis naturais..., força ativa que estabelece e conserva a ordem natural. Citaç. de Malherbe, Descartes, Pascal, Bossuet (que a coloca no mesmo plano que Deus: Embora Deus e a natureza tenham feito todos os homens iguais, formando-os do mesmo barro<sup>42</sup>.), Racine, Fontenelle, Voltaire, Buffon, etc...

13.11.63 (manhã) (II)

4º Em um sentido muito frouxo, o conjunto das coisas que estão ao alcance dos olhos, ao alcance da mão do homem. (Poucos exemplos, não convincentes, dessa distinção).

5º O que constitui todo ser em geral, quer incriado, quer criado. A natureza de Deus. A natureza angélica. A natureza humana. “Como o homem não é uma natureza puramente inteligente, etc. (Bossuet). Seria preciso ser da natureza dos anjos (Baudelaire).”

6º A essência, os atributos, a condição própria de um ser ou de uma coisa. A natureza do fogo é queimar... “Nossa natureza está no movimento, etc.” Nossa natureza é... Está na natureza de (alguém ou de alguma coisa). “Eles são feitos assim, é sua natureza” (La Bruyère).

7º A natureza das coisas, em geral, a necessidade que resulta da constituição das coisas. Da natureza das coisas, título de um poema latino de LUCRÉCIO que é uma exposição (sic) do sistema de Epicuro.

8º Conjunto das propriedades que um ser vivo (?) deve à sua nascença, ao seu organismo, à sua conformação primitiva, por oposição àquelas que ele pode dever à arte. Obedecer à sua natureza. “A corrupção nos é passada *in natura*” (Bossuet).

9º, 10º

11º A condição do homem tal como se supõe que seja anteriormente a qualquer civilização. Estado de natureza.

12º Que se opõe ao costume, ao hábito. O costume é uma segunda natureza (Pascal).

13º Que se opõe ao estado de graça.

14º O que sustenta os corpos vivos. Seu princípio.

“A natureza se enfraquece nele.”

13.11.63 (*manhã*) (III)

15º A compleição, o temperamento de cada indivíduo. (Verbete muito curto, sem exemplos.)  
“Ele é de natureza biliosa, sanguínea.”

16º O conjunto dos sentimentos inatos. A natureza bruta. Eu seguia a natureza. Jamais a natureza nos engana. É preciso auxiliar-se mutuamente, é a lei da natureza (La Fontaine).  
Jamais a natureza nos engana (J.-J. Rousseau).

17º O conjunto das afeições do sangue, da família.

Ouvir os conselhos da natureza: amar a quem se deve amar pelo sangue (Corneille).

18º

19º

20º Que se opõe à arte.

21º A natureza quer física, quer moral, considerada como modelo das artes de imitação.

22º O objeto real: tamanho natural, maior que natural, natureza-morta.

23º e a continuação: pagar *in natura*, boi ao natural (sem molho).

*Paris, 22 de dezembro de 1963*

Prado – Pratum – Paratus

(Devemos entender-nos com nossas palavras, pelo menos com nossas sílabas, nossas raízes, raízes sem significações.)

Onomatopeias originais: como sair delas? Impossível! Portanto, é preciso entrar nelas. Desnecessário sair delas, ou antes, é preciso, somos obrigados a entrar nelas. Suas variações, seus desenvolvimentos, diversificações, ramificações, foliações, floração, frutificações, ressemeaduras bastam para dizer a complexidade da vida e do mundo.

Para fazer-nos jubilar

Por sua generosidade,

Para extasiar-nos, para arrebatá-los.

Porém é preciso pronunciá-las,

Falar. E talvez parabolá-las.

Todas, dizê-las.

Ligações operadas no nível das raízes, onde se confundem as coisas e as formulações.

*15 de janeiro de 1964*

As razões da espécie de inibição que sinto, há bastante tempo, para prosseguir e “acabar” meu ensaio\* sobre o *Pré-Prado*, apareceram-me, no decorrer da noite passada (fui para cama somente às quatro horas da manhã), senão com clareza, pelo menos com uma espécie de intensidade, uma espécie de impulso violento, semelhante àquele que precede por vezes a clareza (ou a ilusão desta... pois pode ocorrer que *se trate de uma derrota* camuflada em clareza: cf. a palavra de Goethe: “Mehr Licht!” no momento, objetivamente, de sua *morte*, da morte, igualmente, de seu espírito)<sup>43</sup>.

... *Mas façamos como se eu pudesse esperar por uma espécie de clareza vitoriosa...*, e contribuamos para tanto, avancemos ainda mais no sentido que me foi *indicado* esta noite.

\* Termo escolhido com conhecimento de causa, contra o de “poema”

*Paris, 1º de maio de 1964*

PRÉ-PRADO

Um prado, o pré, perto, pronto, etc.

O “Prado”                      O “pré”

Adornado com rochedos (cinzentos) ou com sebes de pilriteiros que crescem para todos os lados. Sim, a verdade, hoje, é verde como a queria Poussin<sup>44</sup>. Saído de página parda, princípio da vegetação, repouso e alimento da vida. O prado, superfície amena, lugar do repouso, no sono (Átis), no amor (Átis e Galateia<sup>45</sup>) ou no palavreado (prado-dos-eruditos), é também o da decisão.

(Em pé) nele deitareis vosso adversário ou sereis deitado por ele (horizontalmente). Primeiro em cima, depois embaixo.

É também ao mesmo tempo o participípio passado e o prefixo por excelência.

Crase de paratus, preparado, pleonasma,

E está também presente em presente.

Impossível sair dessa.

Dos dois homens que chegaram em pé. Após haverem cruzado ferros oblíquos.

Um permanecerá deitado primeiro em cima depois embaixo.

Após um assalto cruzado de armas oblíquas,

É um participípio passado que serve de prefixo!...

Foi preciso um participípio passado para fazer um prefixo.

*21 de junho de 1964*

*O Prado*

Um tapete de repouso saído de página parda

Esse tapete de repouso e bandeja de refeição não foi posto. Ele saiu antes de uma página de terra parda.

Subitamente os grãosinhos, as areias da erudição, nele germinaram.

Esse tapete do repouso, do desânimo e da ressurgência, haverá ele de crescer muito depressa? Aparemo-lo, ceifemo-lo bem rente.

Que se trate apenas de página parda e de relva que na verdade seja verde.

Que se trate apenas de relva curta em terra parda; enfim, que a verdade hoje seja verde.

Essa passadeira de corredor, de repouso (corrimão), que perlonga o verdadeiro, o corredor azul, não foi desenrolada.

Nossa natureza quer (como quis Poussin) que a verdade hoje seja verde.

(*Campus vaccinus*<sup>46</sup> e *campo-santo*<sup>47</sup>)

É também o lugar da decisão. Dos homens

que chegaram em pé, um deles pelo menos, após um

assalto cruzado de espadas oblíquas, permanecerá deitado,

em cima primeiro depois embaixo.

Esse participio passado que é o prefixo por excelência

está também presente em presente.

Impossível sair dessa.

Embora seja aqui o lugar onde tudo o que acabou recomeça,

Os grãosinhos da erudição germinaram,

A areia da erudição ali germinou.

Desnecessário sair delas, sair de nossas onomatopeias originais.

Suas variações bastam para provar a complexidade e a verdade da vida e do mundo. Porém é preciso pronunciá-las. Falar. E talvez parabolar.

Todas dizê-las, tê-las dito.

*noite de 21 para 22 de junho de 1964 (1)*

Eis, pois, que, na página de terra parda, que os grãosinhos da erudição germinaram. Que esse lugar do repouso, que esse lugar do palavreado seja também o da decisão.

Haverá ele de crescer demais, haverá ele de crescer muito depressa?

Aparemo-lo, ceifemo-lo bem rente.

Expulsem o natural, ele retorna a galope.

Pois bem, nossa natureza quer que nossa página hoje seja de terra parda e que a verdade hoje seja verde.

É bem normal que a propósito do pré eu parta de fonemas monossilábicos.

*noite de 21 para 22 de junho de 1964 (2)*

Eis, pois, o que posso dizer hoje do prado, que venho anunciando há tanto tempo.

Eis inicialmente de que emoção ele nasceu (mas ele não nasceu).

Trata-se de certa forma de um capítulo do *Tempo Redescoberto*.

Estamos em 1960, um dos anos faustos de minha vida. Voltamos, pois, Odette<sup>48</sup> e eu, ao Chambon onde havia mais de trinta anos nos conhecêramos. Instalamo-nos um pouco à parte, a fim de abordá-lo de viés. Tínhamos um auto. Fizemos incursões de reconhecimento. O bosque onde eu havia concebido o seixo (em La Fayolle<sup>49</sup>), bosque esplêndido, que descrevi no *Seixo*, desapareceu. Mas o bosque do *Caderno do pinhal* está intacto. Foi também em Chambon-sur-Lignon que concebi este *pré-prado*.

Lá eu havia concebido entre outros o *Caderno do Pinhal* e mais de 10 anos antes o *Seixo*.

Havíamos chegado Odette e eu de auto, por uma estrada que domina um lugar chamado Chantegrenouille. Havíamos deixado ali nosso carro e havíamos penetrado em um pinhal, de onde se via mais abaixo o prado a perlongar o pequeno rio, a pequena torrente mansa de montanha que se chama o *Lignon*. Seria domingo? Passeantes em grupo, grupo de amigos, de famílias, avançavam naquele prado. Aquele prado conhecia uma população (no sentido ativo). E foi só isso. Apenas isso. E nada mais posso dizer. Fui, não sei por quê, invadido por uma espécie de entusiasmo secreto, calmo (tranquilo); puro, tranquilo. Soube imediatamente que aquela visão permaneceria tal qual, intacta em minha memória. E, portanto, que eu precisaria tentar dizê-la. Para compreendê-la? compreender não é a palavra. Para tentar conservar seu gozo presuntivo e penetrá-la, comunicá-la. Por quê?

*Paris, 22.6.64, manhã (1)*

Nossa natureza quer que a verdade hoje seja verde.

Nossa natureza (louvemo-la!), isto é, tanto o que cada manhã ao despertarmos somos quanto o que cada manhã ao despertarmos nos cerca, nossa natureza, portanto – louvemo-la! –, por vezes nos tem preparado um prado.

Preparado um *pré-prado*, triplamente pleonasmático.

Pré: prefixo por excelência. Preparado: de paratus (cuja crase está na origem do prado).

Eis o que hoje nossa natureza quer:

Nossa natureza quer que a verdade hoje seja verde.

Eis o que nossa natureza quer hoje:

Nossa natureza quer que a verdade hoje seja verde.

Eis o prado,

pois nossa natureza quer hoje  
que a verdade hoje seja verde.

*22 de junho de 1964, manhã (2)*

*De natura rerum* (fragmento): *o Prado*.

Máxima desvendada em pé e jato principal.

O prado é a própria emulação.

Ele representa a transmutação no presente em uma nova matéria (princípio da vida) dos outros dois princípios inertes: a água e o mineral, divididos e misturados ao extremo.

Cada erva, agulha e linha ao mesmo tempo.

Cada uma é uma agulhada de linha verde.

O princípio da vida é uma agulhada de linha verde.

Mil agulhadas de linha verde fazem um prado.

Quando dois princípios inertes: a água e o mineral, divididos ao extremo e misturados, são chamados pelo sol, nomeio sua emulação um prado. O prado a cada primavera renova no presente a transmutação em uma nova natureza no presente destes dois princípios inertes: o líquido e o mineral. A água para evaporar-se inventa seus tubos, seus canudos a partir do cinzeiro universal, do mineral que ela impregna. Depois da chuva, o sol, e vê nascer o olho da erva,

a gota de orvalho em cada agulhada de linha verde.

*22 de junho de 1964, manhã (3)*

O prado, como o conceito, não deve crescer demais em altura nem muito depressa, não deve transformar-se em uma pastagem. Tampouco precisa ser um gramado.

*25.6.64, manhã (6)*

A tempestade original não terá então em nós tão longamente ribombado (falado) senão para que ao seu final – pois ela se afasta, mas ainda subsiste, parcialmente, no horizonte baixo que ela domina.

Tratando do mais urgente, cuidando do mais premente, isto é, de nossa verdade de hoje, em prol de uma verdade logo que seja verde.

Saiamos desses bosques, passemos entre essas árvores e nossos últimos escrúpulos.

Cheguemos a esse prado, há muito preparado para nós pela natureza, onde só dar atenção ao céu azul.

Mil agulhadas de linha verde e azul fazem esse prado. A memória, em sua ponta, pérola de orvalho, persiste.

Nos encontremos, enfim, invadidos por uma espécie de entusiasmo plácido, havendo chegado a esse prado, há muito preparado para nós, pela natureza, onde nos aleitemos a fim de só dar atenção ao céu azul.

27.6.64, tarde (1)

*Pequena prosa da gnatura dos prados*

A tempestade original não terá então em nós tão longamente falado

Senão, quando ela se afasta (e já não ocupa senão parcialmente o horizonte baixo onde ela fulgura ainda), para que uma espécie de entusiasmo plácido nos invada em prol de uma verdade hoje que seja verde.

Preparemos, pois, a página em que ela possa nascer, porém é preciso que seja página parda.

Deixemos, pois, esses pórticos ou essas colunatas. Tratemos do mais urgente. Cuidemos do mais premente.

Passemos por essas poucas árvores e nossos últimos escrúpulos, cheguemos a esse prado que a natureza para nós preparou ao longo desse riacho de afogamento ou de perdição.

Adornado com rochedos ou com sebes de pilriteiros, esse prado, superfície amena, moraina das florestas, lugar das nascentes, plácida auréola das nascentes, a memória nele persiste na ponta de mil agulhadas de linha verde,

Crase de paratus, o mais fino dos tapetes persas, frágil mas não frangível, o participio passado por excelência, mas que é, ao mesmo tempo, prefixo dos prefixos, o prefixo por excelência, pré, prado, prados, pronto, perto, preparado para nós pela natureza, perto da rocha e do regato, pronto para ceifar ou para pastar, está também presente em presente. Impossível sair dessa. Impossível sair de nossas onomatopeias originais. É preciso, pois, entrar nelas e que suas variações bastem para dizer a complexidade da vida e do mundo, para nos extasiar, nos arrebatam.

Certamente, porém é preciso pronunciá-las: falar. E talvez parabolar. Todas, dizê-las.

O prado, lugar do palavreado, é também o da decisão. O prado-dos-eruditos, o prado do longo palavreado é também o da breve disputa dos nobres. Dois homens que chegaram em pé cruzam espadas oblíquas, para que um deles pelo menos ali permaneça estendido. Primeiro em cima, depois embaixo. É assim que se coloca para refrescar, no frescor definitivo, sua garrafa.

Deitemo-nos, pois, para só dar atenção ao céu azul.

Limitemos e assinemos aqui esta pequena prosa da gnatura dos prados.

(1960-1964)

*27.6.64, manhã (3)*

A tempestade original, inicial em nós, longamente falou.

Saiamos desses pórticos ou dessas colunatas.

Tratemos do mais urgente. Cuidemos do mais premente.

Passemos entre essas árvores e nossos últimos escrúpulos.

Preparemos uma página em que possa hoje nascer uma verdade

que seja verde. (Porém é preciso que seja página parda.)

Cheguemos a esse prado, há muito preparado para nós pela natureza,

onde só dar atenção ao céu azul.

A tempestade original não terá então em nós tão longamente falado

Senão para que uma espécie de entusiasmo plácido lá por seu fim nos invada em prol de uma verdade hoje que seja verde.

Preparemos, pois, a página em que ela possa nascer.

Tratemos do mais urgente. Digamos logo: pegar de uma bisnaga de verde, espalhá-lo sobre a página, isso não é fazer um prado. Eles nascem de outra forma. Eles surdem da página. Porém é preciso que seja página parda.

Passemos por essas poucas árvores e nossos últimos escrúpulos, cheguemos a esse prado que a natureza para nós preparou ao longo desse riacho de afogamento ou de perdição.

Esse prado, superfície amena, moraina das florestas.

Lugar das nascentes.

Plácida auréola das nascentes.

Ele bombeia, aspira e flore.

É também o lugar da decisão.

Nele deitareis vosso adversário ou sereis deitado por ele.

Primeiro em cima, depois embaixo.

O que é colocar no frescor definitivo sua garrafa.

28.6.64, manhã (1)

Fragmento da Criação: *O Prado*.

Fragmento da Natureza das coisas: *O Prado*.

(Trata-se aqui, mais que de nominação, de louvor; mas de louvor reduzido à nominação.

Todas as harmônicas da *palavra* devem ser soltas (como um soltar de pombos) e reduzidas.

*Por vezes, nossa natureza – e eu diria também por lugares diversos –*

Por vezes, nossa natureza – quero dizer ao mesmo tempo a natureza em nosso planeta e o que cada dia ao despertarmos somos –

Tendo-nos predisposto a um prado, no-lo proporciona; tendo-nos preparado um prado, a ele nos dispõe. Tendo-nos convidado a um prado, no-lo propõe. Louvemo-la por isso. Nós o queríamos de todo o coração e ele nos salta aos olhos. Nós o desejávamos e ele nos salta ao pescoço. E no entanto, permanece à distância.

O mais simples *reconhecimento* de pronto nos obriga a convidar a palavra, a dizê-lo.

E somos então convidados a reconhecê-lo, a dizê-lo, isto é, a convidar nossa palavra para isso e a palavra então nos convida a dizê-lo.

E como então, tão logo reconheçamos isso, não dizê-lo? Como o reconheceríamos, senão pela palavra?

Nosso dever de pronto, nosso agradecimento, nos convida à palavra. Sendo nossa palavra então convidada para isso.

A palavra logo em nossa boca se reúne, se junta, se dispõe em massa.

Esse é nosso modo de ser e de louvá-lo por isso.

Queríamos um e aí está um. E há um. Há um prado.

Mas ele permanece demasiado distante. Como tê-lo sem estar nele. Como em suma tê-lo sem sê-lo. E como sê-lo sem dizê-lo, sem tirá-lo de nós mesmos de nossa boca, como sê-lo sem refazê-lo em palavras. Como o possuiríamos se ele não saísse de nossa boca. A palavra de pronto se infla em nossa boca, em nossa garganta. Não temos outra razão de ser senão dizê-lo. Não podemos *fazer* outra coisa, ser de outro modo.

(Isso deve ser mais bem formado, ser redito...)

28.6.64, manhã (2)

*Eis a lei do prado*

O Prado. Eis a lei do prado:

Máxima desvendada e jato principial,

a erva de rótulas imóveis<sup>50</sup>

(Aspirantes do vegetal)

Elementaridade, Alimentaridade,

Perseverança, emulação, disciplina

Compostura para crescer em ordem.

Regimento em parada parado, heroico, formado em quadrado.

A erva de rótulas imóveis

assiste ao boi.

Chamada pelo sol

A água, que tende a evaporar-se, inventa seus canudos,

A partir dos restos do mineral

do animal e do vegetal ao mesmo tempo,

a água, portanto, inventa seus canudos

forma o regimento de seus aspirantes

a erva de raízes imóveis, em regimento formado em quadrado,

Eis o prado.

Trata-se, portanto, na verdade, de uma espécie de transmutação do líquido, de uma evaporação que inventa seus canudos. De uma evaporação encarnada. De uma evaporação que passa pelo mineral.

Tudo nele é verticalidade.

Nada de oblíquo. Tudo nele é verde e vertical.

Sim tudo nele é verdura e verticalidade.

Nada de oblíquo.

E, aliás, não há madeira: a evolução para o carbono, a oxidação nele não está iniciada...

Há, portanto, 2 maneiras para a água se evaporar, uma direta e temos os vapores, as névoas, as nuvens, e a outra que passa pelo mineral e, portanto, pelo vegetal, pelo animal.

E, portanto, nessa segunda maneira (nesse segundo processo) temos ao mesmo tempo todos os possíveis da matéria orgânica juntos em nosso jardim.

Fazemos parte desse ciclo. É isso que nos *concerne*.

*30.6.64, manhã bem cedo (1)*

A tempestade inicial,

original em nós,

não terá, então, em nós,

tão longamente ribombado

(Mas ela se afasta, ocupa, parcialmente ainda, o horizonte baixo

que ela espezinha) somente para que enfim

Tratando do mais urgente

Cuidando do mais premente

Saiamos desse bosque,

Deixemos todos esses pórticos e todas as colunatas

Nos sintamos invadido por uma espécie de entusiasmo plácido em prol de uma verdade hoje que seja verde, etc...

*3 de julho de 1964 tarde (3)*

Adornado com rochedos ou com sebes de pilriteiros, o pré-prado é apenas um, é porém apenas esse fragmento limitado de espaço (esse pré porém tão breve), não mais que uma pequena extensão de espaço.

Esse prado, superfície amena, moraina das florestas, areia fina vegetal, de pequena extensão.

As pequenas formulações da angústia noturna nele persistem para acolher os raios do sol de manhã.

Olho múltiplo.

A lembrança do sombrio meteoro nele persiste na ponta de mil agulhadas de linha verde. A transpiração da noite que nele perla e persiste para acolher os raios do sol.

*Les Vergers, 11 de julho de 1964*

*Recuperação do prado*

O Prado: A tempestade inicial não terá então em nós tão longamente ribombado, somente para que enfim (ela se afasta, já não ocupando senão parcialmente o horizonte baixo onde ela fulgura ainda) uma espécie de entusiasmo plácido nos invada em prol de uma verdade hoje que seja verde.

Saiamos, pois, desses bosques, passemos entre essas árvores e nossos últimos escrúpulos, cuidemos do mais premente, tratemos do mais urgente.

Nos encontremos logo aleitados nesse prado, há muito preparado para nós pela natureza ao longo desse riacho de afogamento ou de perdição bem pouco acima do leito de afogamento ou de perdição

onde só demos atenção ao céu

A lembrança, a memória do meteoro acha-se nele presente ainda sob a forma de gotículas na ponta de cada agulhada de linha verde.

Um pássaro arranha ali o céu com um acento agudo, portanto, em sentido inverso ao da escrita.

O pássaro com seu acento agudo arranha ali o céu em sentido inverso ao da escrita (e, portanto, da significação). Lembrando o concreto, desperta a memória, rasga a significação.

*13 de julho à noite (2), noite de 13 para 14*

Eis o que não se pode, digamo-lo já,...

E isso não se pode a não ser em termos de palavra que são os únicos meios do espírito. A natureza, com efeito, no-lo lembra de imediato.

A despeito de nosso amor pela pintura

Pegar de uma bisnaga de verde, espalhá-lo sobre a página, isso não é fazer um prado.

Eles nascem de outra forma.

Eles surdem da página.

Porém é preciso que seja página parda.

Preparemos, pois, a página em que possa hoje nascer uma verdade que seja verde

Pois, enfim, bem que sabemos. A natureza de imediato com autoridade no-lo lembra: Pegar de uma bisnaga de verde...

Para tanto é preciso o espaço da escritura, da inscrição,  
E que o tempo necessário à palavra, à elocução seja dedicado a isso.

*13 de julho à noite, noite de 13 para 14*

A natureza de imediato no-lo lembra, contra as imposturas da poesia. Nada de impostura, preferimos a explicação à poesia. A preterição à impostura.

Não havia impostura na nomeação original.

É isso que precisamos reencontrar.

Quando o homem nomeou o prado, é porque necessitava distingui-lo, designá-lo à sua família, como o lugar de repouso privilegiado, o espaço limitado destinado à pastagem. E exprimir também um desejo dos mais simples dentre seus sentimentos.

Tivera essa emoção e, por ter essa prática, necessitava designá-lo.

*Les Vergers, 15 de julho de 1964 (1)*

*O Prado*

Que por vezes a Natureza ao despertarmos nos proponha aquilo a que justamente estávamos dispostos, e logo o louvor se infla em nossa garganta. Acreditamos estar no Paraíso.

Eis o que adveio ao prado que devo dizer.

Assim foi para mim esse prado que lhes devo, portanto, dizer.

Este será meu dito hoje.

Para tanto é necessária a palavra, com efeito, e não a pintura, que em absoluto não bastaria.

Visto que se trata enfim antes de um modo de viver, de uma arte de viver que de um mero prazer dos olhos.

Pegar de uma bisnaga de verde, esmagá-lo sobre a página, isso não é fazer um prado.

Eles nascem de outra forma.

Eles surdem da página.

Porém é preciso que seja página parda.

Preparemos, pois, a página em que possa hoje nascer uma verdade que seja verde.

Daí, o prado soa, com certeza. Trata-se de uma música de caulículos, de notas gráceis, com certeza, de uma monotonia variada, rigorosa, fastidiosa, mais perto da prosa talvez que da melodia realmente.

Cf. a parte de cravo solo no concerto brandemburguês N°

Uma música da ponta dos lábios, mais perto do espírito que do coração.

*16.7.64, manhã (2)*

Primeiro, e certamente, trata-se apenas de um fragmento de espaço,

De bastante pequena extensão.

Adornado com rochedos ou com sebes de pilriteiros,

É o mais fino dos tapetes persas.

Mais precioso cem vezes que o mais fino dos tapetes persas,

frágil, mas não frangível; pois ali a terra vegetal às vezes fica por cima.

Os prados participam, portanto, de nossa natureza; crase de paratus, conforme os etimologistas latinos, e, portanto, o participio passado por excelência.

Mas (isso é maravilhoso com certeza) pré é também para nós o prefixo dos prefixos. Está também presente em presente.

*Les Vergers, 17 de julho de 1964, manhã (1)*

*O Prado*

Que por vezes a Natureza ao despertarmos, ao espertar de nossos cinco sentidos lhes proporcione aquilo pelo que em seu sonho eles eram, haviam inspirado (aspirado),

E logo o louvor se infla em nossa boca. A emoção que se segue, dessela nossa boca. Acreditamos estar no paraíso.

Assim foi para mim esse prado, que lhes devo, portanto, dizer. Este será meu dito de hoje.

Para tanto é necessária a palavra e não a pintura, que em absoluto não bastaria, pois se trata muito antes de um modo de viver que de um regalo inerte, que de um prato inerte, ou de um reles serviço a nossos olhos.

*Les Vergers, 17 de julho de 1964, manhã (2)*

Mas o prado é a esperança. Mil agulhadas de linha verde nele porfiam a partir do solo, subornadas pela poderosa invocação do sol.

Ao apelo de seu nome, o prado, presente, diz seu nome: o prado.

Ao apelo do sol, o prado jorra do solo como um aguaceiro inverso em resposta anônima, unânime à chuva.

Os aspirantes, o regimento cerrado dos aspirantes da vida.

O princípio elementar do vegetal.

Platitude é uma perfeição.

A perfeição é uma platitude. Mas, no prado do abandono,  
subitamente, a verticalidade da relva ressuscita.

Em resposta à angústia noturna jorra a esperança. É também, pois o prado soa, com certeza, a eminentemente prosaica, a fastidiosa, mas a mecanizante,

a mecânica e sedutora sequência de cravo solo, no N<sup>o</sup> concerto brandemburguês.

Nele a corda é pinçada em sentido inverso ao da escrita e das significações. Trata-se de uma evaporação que passa pelo mineral.

*17.7.64 (3)*

O prado é, pois, a esperança, ressurreição, ressurgindo na mais simples elementaridade, unicidade, ingenuidade, *mas* tendido horizontalmente sob nossos olhos para nosso relaxamento, nosso repouso. É o campo de nosso repouso, preparado, participio passado com o qual entram em participação, com o qual participaram todos os elementos, todas as ações passadas, a memória em seguida, a lembrança da totalidade das ações passadas.

A totalidade, o campo com o qual se puseram a participar os restos dos três reinos.

Acúmulo dos dias passados e princípio do dia de hoje.

Prefixo dos prefixos.

(Conforme não sei que mitologia, disse-me Philippe S., caminhamos sobre nosso passado. O passado é aquilo sobre que caminhamos. É o solo sob nossos pés. É nossa fundação. Nosso passado, caminhamos em cima. Ele está situado sob nossos pés.)

*Les Vergers, 17.7.64, manhã (4)*

Outra coisa...

... Sat prata biberunt.

Da saturação dos prados

ao seu impulso para o alto,

só há um passo.

... Como também...

... Sat prata biberunt:

Do biberão à flauta,

só há um passo.

À flauta de Pã, entende-se:

a de Títiro<sup>51</sup>.

(sub tegmine fagi<sup>52</sup>.)

Como também

da erva ao colmo,

ao cálamo da escrita.

Ao cachimbo da “inspiração”

(... e ao canudo no coquetel,

no grande copo do long drink)

*17.7.64, manhã (5)*

Todas as ações do passado em suas mais finas expressões, em suas mais ínfimas granulações resumiram-se nisso, depois a água infiltrou-se nelas, impregnou-as, para que ao apelo (à poderosa invocação do sol) sua transmutação se opere.

A qual não é em suma senão um modo de evaporação da água (H<sub>2</sub>O), passando pelo mineral. Ao invés de evaporar-se diretamente e de metamorfosear-se em vapores inúteis e insignificantes,

Uma parte da água passa pelo mineral, para evaporar-se e isso ocasiona um princípio elementar de vida: a vegetação.

Terra vegetal: terra, terra para feno ou para pastagem.

Preparado, pré, prado, perto, pronto,

Pronto para ceifar ou para pastar,

Aparado rente: pronto, perto, pré, prado.

Particípio passado e prefixo por excelência.

Assim terei desse pré-prado tosquiado a largura de minha língua, desse prado, preparado para nós pela natureza e que é ao mesmo tempo o particípio passado e o prefixo por excelência. O prado de nosso repouso (não definitivo) e o da decisão.

*17.7.64, manhã (5bis)*

Em suma, entrego-me aqui à preparação da preparação do pré-prado ou ainda à preparação da publicação em pré-original do pré-prado.

Tratando do mais urgente, cuidando do mais premente, apresentarei aqui uma primeira pequena prosa da gnatura dos prados, escrita como preparação da publicação em pré-original do pré-prado.

Porque a noção do pré-prado me parece apresentar um enorme interesse, um primordial interesse.

*19.7.64, manhã (1)*

A tempestade original longamente falou.

A tempestade inicial não terá então em nós tão longamente ribombado (mas ela se afasta, já não ocupando senão parcialmente o horizonte baixo onde ela fulgura ainda)

Somente para que enfim,

Tratando do mais urgente, cuidando do mais premente,

Saiamos desses bosques,

E deixando qualquer pórtico e quaisquer colunatas,

Transportados de repente por uma espécie de entusiasmo plácido

em prol de uma verdade hoje que seja verde,

Passando entre essas árvores e nossos últimos escrúpulos,

Nos encontremos logo,

bem pouco acima, a dois passos somente da torrente, engrossada, de afogamento ou de perdição,  
Estendidos, aleitados ao comprido nesse prado, há muito preparado para nós pela natureza,  
onde só dar atenção ao céu azul.

Alguns últimos vestígios do obscuro meteoro

Ou, talvez, da transpiração consecutiva à angústia noturna,

Nele persistem,

formuladas de modo preciso para acolher

os primeiro raios do sol,

Na ponta de várias agulhadas de linha verde.

Depois, as últimas notas do cravo dos prados gotejam;

tudo se evapora; e eis o silêncio.

Será a longa jornada de meu repouso?

*19.7.64, manhã (2)*

Não!

Pois esse lugar do repouso é também o da decisão.

Sim!

O lugar do repouso é também o do palavreado.

E o lugar do longo palavreado dos eruditos é também o da breve disputa dos nobres;

Nele deitareis vosso adversário ou sereis deitado por ele.

Dos dois cavalheiros que chegaram em pé,

Um, pelo menos,

Após um assalto cruzado de espadas oblíquas,

Ali permanecerá horizontalmente estendido.

Primeiro em cima, depois embaixo.

O que significa, não é? pôr para refrescar (no frescor definitivo) sua garrafa.

Eis, portanto, sobre esse pré-prado a oportunidade, como convém, prematuramente, de acabar. Os senhores tipógrafos queiram ter a gentileza, sob esta última linha, nesta pequena prosa da gnatura dos prados, de pôr o traço final,

E, embaixo, sem a mínima entrelinha, de deitar meu nome, em caixa-baixa naturalmente, salvo as iniciais, é claro, visto que são também as do funcho e da peônia que amanhã crescerão em cima<sup>53</sup>.

Assim seja!

*19.7.64, tarde (1)*

Aqui intervirá uma passagem em que no estilo mais ou menos da longa sequência de cravo solo no Nx concerto brandemburguês – isto é, de modo fastidioso e mecânico mas mecanizante ao mesmo tempo – não tanto da música quanto da lógica – raciocinadora e fastidiosa – na ponta dos lábios e do espírito, não do coração – tentarei exprimir duas ou três coisas, a saber, primeiramente que no plano lógico nos encontramos no único nível que nos convenha, o das onomatopeias originais, das infrassignificações. Estabelecerei o parentesco... entre pré, prado, perto, pronto, preparado; explicarei que nosso pré-prado, saído do pratum dos latinos, por sua vez síncope ou crase de paratum e que se apresenta assim como o particípio passado por excelência, a coisa pronta, é também surpreendentemente em nossa língua o prefixo dos prefixos, prefixo para todas as ações, para todos os verbos, etc., etc.

*19.7.64, tarde (2)*

Em segundo lugar, que, no plano físico, geofísico, o prado, que é a forma elementar da vegetação, não passa na verdade de uma metamorfose da água. A qual, ao invés de evaporar-se diretamente em névoas, opta aqui, ligando-se, ligada à terra e passando por ela, isto é, pelos restos do passado dos três reinos: e particularmente pelas granulações mais finas do mineral, por fazer renascer a vida em nosso planeta. Que o prado, portanto, é ao mesmo tempo o lugar da ressurreição e, logicamente, uma noção das mais primordiais. Mas essa passagem requererá de mim sem dúvida vários anos de trabalho ainda...

Trata-se, portanto, de uma realidade exemplar, de uma das mais perfeitas noções, ao mesmo tempo lógica e física, que possamos, com evidência e com clareza, ao mesmo tempo perceber e conceber

*23.7.64, manhã (1)*

. . . . .

Mas o que é que obstrui assim nosso caminho (esse pequeno caminho florestal em sobrelevação)? Por que todos esses escrúpulos quando, saindo do silêncio, nos debruçamos sobre a página, e essas pedras em nosso caminho?

Por que, tão logo nos debruçamos sobre a página, tantos escrúpulos, e essas pedras em nosso caminho.

Por que essas pedras em nosso caminho e tão logo nos debruçamos sobre a página, todos esses escrúpulos.

Quem nos coloca essas pedras no caminho, por que, tão logo nos debruçamos sobre a página, todos esses escrúpulos...

E embora ao abandono inicialmente nos convide, nos tenha incitado,

a constante insurreição do verde nele nos ressuscita

*23.7.64 (3)*

Quando, por vezes, a Natureza ao despertarmos ao sairmos da tenda noturna do acampamento noturno do feixe desdobrado de nossos cinco sentidos lhes propõe, descobre a estadia à qual, durante nossa recompleição noturna, nós havíamos, eles haviam todos juntos profundamente aspirado,

Elevação, revelação.

E a que nossos cinco sentidos em sua recompleição noturna haviam ritmicamente aspirado.

E no momento preciso em que volta a desdobrar-se ao sol o feixe (o leque) de nossos sentidos

Que por vezes a Natureza, (quando) no momento da elevação da tenda noturna e quando volta a desdobrar-se o feixe de nossos sentidos, eles se veem na estadia a que em sua recompleição noturna haviam todos juntos profundamente aspirado.

## Notas\*

- <sup>1</sup> Na tradução, foram adaptadas ao português as definições francesas que Ponge retira do Littré. O primeiro exemplo do emprego da palavra *sente* citado por Littré é do século XII (Reis); e da palavra *sentier*, do século XI (*A canção de Rolando*).
- <sup>2</sup> O lugar-comum a que se refere Ponge é uma passagem bíblica na qual Mateus e Lucas relatam palavras de Cristo: “Entraí pela porta estreita, porque largo e espaçoso é o caminho que conduz à perdição. E muitos são os que entram por ele. Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho que conduz à Vida. E poucos são os que o encontram.” (Mat., 7, 13-14). “E alguém lhe perguntou: ‘Senhor, é pequeno o número dos que se salvam?’. Ele respondeu: ‘Esforçai-vos por entrar pela porta estreita, pois eu vos digo que muitos procurarão entrar e não conseguirão.’” (Luc., 13, 23-24) (*Bíblia de Jerusalém*. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Nova ed. rev. ampl. São Paulo: Paulus, 2002). Impossível não lembrar também o romance *La porte étroite*, de André Gide (Paris: Gallimard, 1909), escritor protestante como Ponge, no qual Alissa, após ter ouvido a parábola da porta estreita, busca sua felicidade fora das alegrias terrestres, renunciando ao amor de Jérôme.
- <sup>3</sup> Le Vivarais é uma região do sudeste da França denominada Languedoc, correspondente ao Pagus Vivariensis e à diocese de Viviers da época franca, que fazia parte da Viennoise romana, tendo então Alba como metrópole. Le Vivarais, ou região de Viviers, formou mais tarde o departamento de Ardèche e uma parte do departamento de Haute-Loire. Foi a essa região que Ponge dedicou uma pequena obra intitulada *Petite suite vivaraise* (Montpellier: Fata Morgana, 1983).  
  
Lignon é o nome de vários rios da França. O maior de todos é o Lignon Vellave ou Lignon de Velay, no departamento de Haute-Loire. Nasce ao pé do monte Mézenc, passa por Fay-sur-Lignon (Ponge refere Fay), Le Chambon e Tence. O Mézenc é um maciço ao sudoeste de Velay, região vulcânica do Maciço Central, compreendida entre L’Allier e Le Vivarais.  
  
Le Chambon mencionado por Ponge é Le Chambon-sur-Lignon, comuna do departamento de Haute-Loire, enquanto Tence e Monistrol-sur-Loire (Ponge cita Monistrol) são capitais de cantões do mesmo departamento. Já Le Pra de Mars (Ponge diz simplesmente Mars) é um sítio turístico em Vorey-sur-Arzon, também no mesmo departamento.
- <sup>4</sup> O verso alexandrino completo da declaração de Roxane a Bajazet, na primeira cena do segundo ato de *Bajazet*, de Jean Racine, é: “O caminho ainda está aberto a arrependimento” [Le chemin est encore ouvert au repentir].
- <sup>5</sup> Nos versos 79 e 80 do conto *Os trocadores* [Les troqueurs], de Jean de La Fontaine, o narrador diz: “Nosso notário assegurou a um e a outro / Que tais tratados tinham o caminho aberto” [Notre notaire assura l’un et l’autre / Que tels traités allaient leur grand chemin].
- <sup>6</sup> Frase extraída do romance intitulado *Memórias da vida do Conde de Grammont, contendo especialmente a história amorosa da corte da Inglaterra sob o reino de Carlos II* [Mémoires de la vie du comte de Grammont, contenant particulièrement l’histoire amoureuse de la cour d’Angleterre sous le règne de Charles II] (1713), de Antoine Hamilton (1646-1720), escritor irlandês de expressão francesa.
- <sup>7</sup> Versos extraídos d’*A oração de São Juliano* [L’oraison de Saint Julien], conto de Jean de La Fontaine: “Tendo andado uma légua, / E discorrendo eles, para enganar o caminho, / Acerca de mil coisas, depararam, enfim, / Com o que se diz da virtude secreta / De certas palavras” [Une lieue étant faite, / Eux discourant, pour tromper le chemin, / De chose et d’autre, ils tombèrent enfin / Sur ce qu’on dit de la vertu secrète / De certains mots].
- <sup>8</sup> Trata-se de um fragmento do final do poema *O plátano* [Le platane], cujo subtítulo é *ou A permanência* [ou La permanence]: “Não podes guiá-los [os pompons], mas emites bastantes para que um só que suceda valha ao altivo Langedoc / Para sempre a sombra do plátano” [Tu ne peux les [les pompons] guider mais en émets assez pour qu’un seul succédant vaille au fier Languedoc / A perpétuité l’ombrage du platane].  
  
Ponge cita, nesta passagem, textos de sua própria lavra, que o leitor encontrará na edição da Bibliothèque de la Pléiade (*Œuvres complètes*, v. 1. Paris: Gallimard, 1999). Indicamos as páginas dessa edição em que se encontram os textos e, a seguir, a data de sua redação e o título da coletânea em que foram publicados anteriormente: *Ad litem*, p. 199201 (1931, *Proèmes*); *Le 45e printemps* (como não existe texto de Ponge com esse título, trata-se provavelmente de *Le printemps*), p. 458 (1933, *Le grand recueil I*); *Le lilas*, p. 767 (1942-1950, *Le grand recueil III*); *L’abricot*, p. 802-803 (1955-1957, *Le grand recueil III*); *Notes premières de l’homme*, p. 223-231 (1943-1944, *Proèmes*); *Le platane*, p. 729 (1942, *Le grand recueil III*).
- <sup>9</sup> Um poema inédito de Ponge intitulado *La chèvre* [A cabra], cuja redação data de 1953-1957, foi publicado em 1998 no nº 12 da revista *Genesis*, editada, sob a responsabilidade do Institut des textes et manuscrits modernes (ITEM), por Presses de l’Université de Paris – Sorbonne (PUPS).
- <sup>10</sup> Título de uma sátira [La desserte du sang bleu] que figura em *Douze petits écrits*, de Francis Ponge, publicado em 1926, pela editora da Nouvelle Revue Française. Ver: *O serviço do sangue azul*. Tradução de Ignacio Antonio Neis, Michel Peterson e Ricardo Iuri Canko. In: *Doze pequenos escritos. Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, n. 13, p. 48-49, jan./mar. 2001.

\* Agradecemos a Louise Jutras-Peterson e a Jaques Beck por terem gentilmente colaborado nas pesquisas para a elaboração das presentes notas dos tradutores.

- <sup>11</sup> Alusão ao *Carnet du bois de pins*, dossiê de escritura publicado inicialmente em Lausanne (Mermod, 1947) e posteriormente na coletânea *La rage de l'expression* (Paris: Gallimard, 1952). Foi traduzido para o português por Leonor Nazaré sob o título *O caderno do pinhal* (Lisboa: Hiena, 1984).
- <sup>12</sup> Trata-se do texto que encerra o livro de Francis Ponge intitulado *Le parti pris des choses* (Paris: Gallimard, 1942). Existem duas traduções desse texto em português, ambas intituladas *O seixo*: a primeira, de Carlos Loria (Salvador: Audience of One, 1994); a segunda, de Ignacio Antonio Neis e Michel Peterson, em *O partido das coisas* (São Paulo: Iluminuras, 2000, p. 157-171).
- <sup>13</sup> Ponge alude a seu poema *Le soleil placé en abîme*, publicado em *Pièces* (Paris: Gallimard, 1961, p. 153).
- <sup>14</sup> Ponge refere-se a seu poema intitulado *Ad litem*, que ele acaba de citar um pouco acima (ver nota 8). A expressão latina *ad litem* significa “para o processo, o debate, a controvérsia”; e, neste poema, trata-se justamente do debate do homem com a linguagem: “Ora, a fraqueza de nosso espírito... deve-se confessar que a coisa é possível: temos disso bastantes sinais manifestos no decorrer de nossa própria luta com nossos meios de expressão” [Or, la faiblesse de notre esprit... il faut bien avouer que la chose est possible: nous en avons assez de signes manifestes au cours de notre lutte même avec nos moyens d'expression].
- <sup>15</sup> Ponge refere-se, sem dúvida, a um poema seu intitulado *Ode inacabada à lama* [Ode inachevée à la boue], publicado em *Pièces* (Gallimard, 1961), que ilustra o tema por ele mencionado: “Quanto mais ela envelhece, mais se torna colante e tenaz. Se você pisa em seu domínio, ela não o larga mais. Há nela como que lutadores ocultos, deitados no chão, que agarram suas pernas; como que armadilhas elásticas; como que laços” [Plus elle vieillit, plus devient collante et tenace. Si vous empiétez son domaine, elle ne vous lâche plus. Il y a en elle comme des lutteurs cachés, couchés par terre, qui agrippent vos jambes; comme des pièges élastiques; comme des lasso].
- <sup>16</sup> Em 1960, Francis Ponge publica, no primeiro número da revista *Tel Quel*, um poema intitulado *La figue (sèche)* [O figo (seco)], retomado em *Pièces* (Gallimard, 1961). Em 1977, decide publicar a integralidade dos rascunhos que presidiram à escritura desse poema, sob o título *Comment une figue de paroles et pourquoi* [Como um figo de palavras e por quê] (Paris: Flammarion, 1977).
- <sup>17</sup> Uma leitura atenta do contexto e de outros textos de Ponge dá a entender que se trata, nesta passagem, da proposta de seu próprio epitáfio. Isso é confirmado na folha 8 verso (de 4 de janeiro de 1968) do testamento do poeta, onde ele explicita qual seria sua ideia para uma nova composição, pictográfica, da respectiva página de *La fabrique du pré*. Ver: *A mesa*. Tradução de Ignacio Antonio Neis e Michel Peterson. São Paulo: Iluminuras, 2002, p. 192-193.
- <sup>18</sup> Le Mazet-Saint-Voy é uma comuna do departamento de Haute-Loire, na região de Auvergne, distante 4,9 km de Le Chambon-sur-Lignon, 6,7 km de Mars, 6,9 km de Fay-sur-Lignon, 8,4 km de Tence e 16 km de Yssingaux.
- <sup>19</sup> As iniciais Ph. S. designam Philippe Sollers, autor de um livro intitulado *Francis Ponge* (Paris: Seghers, 1963). Na época em que animava a revista *Tel Quel*, Sollers realizou entrevistas radiofônicas com o poeta, publicadas mais tarde sob o título *Entretiens de Francis Ponge avec Philippe Sollers* (Paris: Gallimard, Seuil, 1970).
- <sup>20</sup> Ver nota 11.
- <sup>21</sup> La Suchère é o nome de uma estrada que passa por Le Chambon-sur-Lignon, situada na região administrativa de Auvergne, departamento de Haute-Loire, não muito longe da fronteira suíça. Fica a 6 km de Mazet-Saint-Voy, e a 8,8 km de Tence.
- <sup>22</sup> Ver nota 12.
- <sup>23</sup> Chantegrenouille é uma pequena localidade situada a pouca distância a noroeste de Le Chambon-sur-Lignon. Ver nota 3.
- <sup>24</sup> Esta sentença, que significa literalmente “Bastante os prados beberam”, encerra a terceira égloga das *Bucólicas* de Virgílio. São palavras de Palêmon, em um diálogo com Menalcas e Dametas, os quais se desafiam em uma competição para ver quem canta melhor o amor, apostando uma novilha como prêmio. Após tê-los ouvido, Palêmon assim conclui: “Não me cabe julgar tão grandes contendas entre vós. Ambos mereceis a novilha, bem como qualquer outro (pastor) que reçar as doçuras ou provar as amarguras do amor. Fechai já os regos, meninos; bastante os prados beberam” [Non nostrum inter vos tantas componere lites. / Et vitula tu dignus et hic, et quisquis amores / Aut metuet dulces, aut experietur amarus. / Claudite iam rivus, pueri; sat prata biberunt].
- Observe-se que *sat* é forma abreviada de *satis*, advérbio que quer dizer “suficientemente”, “bastante”, “muito”, e que está na raiz dos verbos *satiare*, ‘saciar’, ‘satisfazer’, *satisfacere*, ‘satisfazer’, “dar satisfação”, e *saturare*, ‘saciar’, ‘alimentar’, ‘saturar’. Assim, no contexto do *Pré-Prado*, podem ser associadas à ideia dessa sentença os temas do biberão (mamadeira), do bebedouro da vaca e do asno, que se opõem aos temas da morte e do epitáfio. No contexto mais amplo da obra pongiana, essa temática remete, entre outras, à obra de Mallarmé, como se verifica, por exemplo, no texto de Ponge intitulado *La chèvre* [A cabra], onde o leite do animal é assimilado, no plano cósmico, à Via Láctea. Nesse âmbito, poder-se-ia reler a sentença virgiliana como “Os prados beberam à saciedade” ou “Os prados estão satisfeitos/saciados”.
- <sup>25</sup> Alusão à seguinte passagem de *Noite histórica* [Soir historique], de Arthur Rimbaud: “Em qualquer noite, por exemplo, em que se encontre o turista ingênuo, distante de nossos horrores econômicos, a mão de um maestro anima o cravo dos prados” [En quelque soir, par exemple, que se trouve le touriste naïf, retiré de nos horreurs économiques, la main d'un maître anime le clavecin des prés]. (*Les Illuminations* [As Iluminações], *Poésies complètes*, Paris: Gallimard, 1960, p. 160).

- <sup>26</sup> Ponge evoca o primeiro movimento (Allegro) do 5º Concerto Brandemburguês, de Johann Sebastian Bach, o mais antigo a confiar uma parte concertante ao cravo, utilizando em grau elevado as possibilidades técnicas e tonais desse instrumento, que adquire papel saliente na cadência solista final.
- <sup>27</sup> Josquin des Prés (c. 1440-1521 ou 1524), compositor pré-renascentista dos mais importantes, era especialmente apreciado por Ponge graças à erudição de suas composições e ao rigor de seu estilo contrapontístico. No contexto da presente obra, o poeta associa o signifi-  
cante do nome, cuja forma latina também usual é Jodocus ou Josquinus Pratensis, com a coisa e a palavra *pré-prado*.
- <sup>28</sup> O Pré-aux-Clercs era uma planície situada às portas de Paris na Idade Média, a oeste da abadia de Saint-Germain-des-Prés. Um canal chamado de Petite-Seine o separava em Grande e Pequeno Pré-aux-Clercs. Esse último, mais próximo da abadia e a ela pertencente, cor-  
responde ao quadrilátero formado pelo Sena e pelas ruas Bonaparte, Jacob e De Seine. O Grande Pré-aux-Clercs estendia-se, no bairro Saint-Germain, desde o canal Petite-Seine até a atual rua De Bourgogne e pertencia à Universidade; mas os eruditos preferiam divertir-se no Pequeno Pré, provocando processos intermináveis entre os religiosos de Saint-Germain-des-Prés e a Universidade. No século XVI, os huguenotes se reuniam no Pré-aux-Clercs, que se tornou teatro de numerosos duelos. Sob Henrique IV, começaram as construções no Pré-aux-Clercs, mas as residências aristocráticas ou burguesas que conferiram ao bairro Saint-Germain seu toque especial foram erguidas somente na segunda parte do reino de Luís XIV (cf. *Larousse du XX<sup>e</sup> siècle*, dir. Paul Augé. Paris: Larousse, [s. d.]).
- <sup>29</sup> Região ao sul da bacia parisiense, entre a Sologne e o Maciço Central, formada por parte da planície da Champagne.
- <sup>30</sup> Prairial, substantivo derivado de *prairie* [pradaria], que, por sua vez, deriva de *pré* [prado], é o nome do nono mês do calendário republi-  
cano francês, que começa em 20 ou 21 de maio e se encerra em 18 ou 19 de junho, correspondendo à época da colheita do feno.
- <sup>31</sup> À semelhança do que Ponge realiza com *aubépines* [pilriteiros] e *épingles* [alfinetes] para chegar à forma *albépingles*, o tradutor, ao buscar uma equivalência para essa forma, criou a palavra-montagem *pilrinetes*, mediante a junção das duas primeiras sílabas de *pilriteiros* com as duas últimas sílabas de *alfinetes*. O *pilriteiro*, também denominado espinheiro-alvar, é um arbusto ornamental da família das rosáceas, que tem espinhos, folhas arredondadas ou ovadas e flores brancas ou rosadas em corimbo vistoso; já *alfinete* pode ser entendido aqui tanto no sentido de espinho quanto no de pequena haste de metal, fina, aguçada numa extremidade e arredondada ou dilatada na outra, que os homens pregam na gravata e as mulheres no vestuário ou no chapéu, para se adornarem.
- <sup>32</sup> O pintor pré-renascentista Sandro Botticelli (1445-1510) desenvolveu em Florença quase toda a sua obra, favorecida pelos Medici. Foi para essa família que executou *A Primavera* (c. 1478).
- <sup>33</sup> François Malherbe (1555-1628) é um poeta barroco maior, ao qual Ponge consagrou uma obra que, em sua avaliação, teve repercussões: *Pour un Malherbe* (Paris: Gallimard, 1965). Logo no início do livro, Ponge desenvolve um motivo lucreciano, jogando com o nome Ma-  
lherbe como sendo formado de *male herbe* [erva má, erva macha]. Ponge foi aluno do Lycée Malherbe, estabelecimento de ensino secundário e superior, situado em Caen, onde obteve em 1917 o *baccalauréat*. Com relação ao nome Malherbe, é interessante referir que um grupo de teatro ligado ao Lycée Malherbe fundou a famosa Association La Male Herbe. Hoje, essa associação, desvinculada daquele estabelecimen-  
to de ensino, diversificou-se, com o objetivo de intervir em todos os campos da cultura e da solidariedade internacional.
- <sup>34</sup> Para Ponge, Luis de Góngora (1561-1627), poeta espanhol, considerado hermético, compartilha com Malherbe uma extrema tensão for-  
mal na qual se elabora a própria significância poética. Aqui se alude a uma de suas principais obras, *Fábula de Polifemo y Galatea* (1612). Ver nota 45.
- <sup>35</sup> O texto de André du Bouchet (1924-2001) ao qual Ponge alude é o segundo poema da coletânea *Air*, que começa por “Dans le pré où  
tremblent des bouteilles je pèse dans le jour transparent toujours la première bouche [...]” (Saint-Clerment-la-Rivière: Fata Morgana, 1986). Tradutor, entre outros, de Hölderlin, Du Bouchet é um dos poetas franceses mais importantes do século. Entre suas principais obras, ressaltamos: *Dans la chaleur vacante* (Paris: Mercure de France, 1961); *Où le soleil* (Paris: Mercure de France, 1968); *L'incohérence* (Paris: Hachette, 1979); e *Rapides* (Paris: Hachette, 1980).
- <sup>36</sup> Ponge lembra um verso [Mais le vert paradis des amours enfantines] do poema *Moesta et errabunda* [Triste e errante], que faz parte da primeira seção (*Spleen e Ideal*) das *Flores do mal*, de Charles Baudelaire. É o primeiro e quinto verso da quinta estrofe, facilmente associável ao contexto do prado: “Mas o verde paraíso dos amores infantis, / As corridas, as canções, os beijos, os buquês, / Os violinos a vibrar por detrás das colinas, / Com as ânforas de vinho, ao cair da tarde, em meio do arvoredo, / – Mas o verde paraíso dos amores infantis”.
- <sup>37</sup> *Carpe diem* é uma expressão da filosofia de Horácio, um dos mestres de Ponge, que significa “colhe o dia” ou “aproveita o dia”, lembrando a brevidade da vida e a importância de gozá-la a cada momento. A expressão em apreço encontra-se na seguinte passagem: “[...] Mesmo enquanto falamos, o tempo ciumento está fugindo de nós. Colhe o dia, confia o mínimo no amanhã” [Dum loquimur, fugerit invida aetas: carpe diem quam minimum credula postero] (*Odes*, I, 11, 8). Também Ronsard tematiza esse pensamento hedonístico em diversos poemas, como, por exemplo, *Mignonne, allons voir si la rose* (*Odes*, I, 17) e *Quand vous serez bien vieille* (*Sonnets pour Hélène*, II, XLIII).
- <sup>38</sup> Ponge alude certamente ao famoso quadro do pintor francês Édouard Manet (1832-1883), intitulado *O almoço na relva* [Le déjeuner sur l'herbe] (1863).
- <sup>39</sup> Le Mas-des-Vergers é a casa de campo que Ponge possuía em Bar-sur-Loup, no distrito de Grasse, departamento dos Alpes Marítimos, no sudeste da França, perto da Côte d'Azur.
- <sup>40</sup> O tema da platitudo atravessa a obra de Ponge e adquire especial relevo nas folhas 47 e 60 d'*A mesa*. Tradução de Ignacio Antonio Neis e Michel Peterson. São Paulo: Iluminuras, 2002, p. 270-271 e 298-299.

<sup>41</sup> Trata-se da coletânea de Jacques Dupin intitulada *Le cendrier du voyage* [O cinzeiro da viagem]. Paris: Guy Lévis Mano, 1950. A edição original dessa obra contém um prólogo de René Char e um frontispício de André Masson.

<sup>42</sup> Pensamento extraído do *Tratado do conhecimento de Deus e de si próprio* [Traité de la connaissance de Dieu et de soi-même] (póstumo, 1741).

<sup>43</sup> Essa fórmula, que significa “Mais luz!”, teria sido pronunciada por Goethe pouco antes de sua morte. Mas, como lembra ironicamente Richard Friedenthal, em sua biografia do poeta alemão, essas palavras talvez fossem apenas uma ordem dada ao camareiro para que este abrisse uma persiana, pois a visão do poeta estava se obscurecendo: ele estava sentado em uma poltrona, e sua nora, ajoelhada diante dele, tinha a cabeça reclinada sobre seus joelhos. São palavras simbólicas, que as pessoas repetem apressadamente, procurando relacioná-las com a *Aufklärung* e com o desdobramento da Razão e do Espírito Universal. Friedenthal comenta a expressão no último capítulo, intitulado Literatura universal, de seu *Goethe, sua vida e seu tempo* [Goethe – Sein Leben und seine Zeit] (München, 1963). Tradução francesa de Georgette Chatene: *Goethe, sa vie et son temps* (Paris: Fayard, 1967, p. 565-583).

<sup>44</sup> Nicolas Poussin, pintor francês (Villers, perto de Andelys, 1594 – Roma, 1665). Suas paisagens mostram que a natureza desordenada está submetida à ordem geométrica, tornando-se as árvores como que suportes arquitetônicos. Uma de suas mais famosas pinturas é *Os pastores da Arcádia* [Les bergers d’Arcadie].

<sup>45</sup> Átis, deus da vegetação, na Ásia Menor. Era um jovem pastor que, quando criança, havia sido exposto nos caniços à margem do Sangário, rio da Frígia. A deusa da Terra, Reia-Cibebe, o descobriu, e ele se tornou seu amante. Por ciúme, ela se opôs a seu casamento; e ele, transtornado, se emasculou. Então, tomada de remorsos, Cibebe o metamorfoseou em pinheiro.

Galateia, ninfa marinha, filha de Nereu e de Dóris. Amada pelo ciclope Polifemo, ela lhe preferiu o pastor Ácis. Polifemo surpreendeu os dois amantes em uma gruta da Sicília, à beira do mar; ciumento, esmagou seu rival sob um rochedo. Ácis foi transformado em rio, e Galateia, tendo-se jogado ao mar, encontrou suas irmãs Nereides. Essa aventura inspirou, entre outros, Teócrito, Virgílio e Ovídio.

<sup>46</sup> Referência à obra intitulada *Campus Vaccinus in Roma*, realizada em impressão giclée pelo pintor francês Claude Lorrain (1600-1682), observador apaixonado da natureza, que misturou realismo e idealização em paisagens onde os efeitos de luz, de vibração do ar e das distâncias compõem a atmosfera poética.

<sup>47</sup> Este termo designa, na Itália, o cemitério, especialmente quando possui valor arqueológico ou artístico. Ponge alude aqui ao Campo-Santo de Pisa, de arquitetura gótica, que conserva os restos de um célebre ciclo de afrescos dos séculos XIV e XV.

<sup>48</sup> Odette Chabanel foi desposada por Francis Ponge em 1931.

<sup>49</sup> La Fayolle é um desfiladeiro rodoviário nas montanhas do Maciço Central, no departamento de Ardèche.

<sup>50</sup> Este verso encontra-se também na seção 14 do poema de Ponge intitulado *O cravo* [L’œillet], publicado em *La rage de l’expression* (Paris: Gallimard, 1965, Tome Premier, p. 356366). Ver *O cravo*, tradução de Ignacio Antonio Neis e Michel Peterson. *Revista USP*, São Paulo, n. 38, p. 128-141, jun./jul./ago. 1998.

<sup>51</sup> Títilo é o nome de um pastor, nas églogas de Teócrito, Virgílio e Calpurnius, especialmente de um dos pastores da primeira égloga de Virgílio, onde o poeta lhe empresta sua própria situação e seus sentimentos. Ver, a esse respeito, a nota 52.

Pã é o deus grego dos pastores, das pastagens, dos bosques e dos rebanhos. Tornou-se, entre os estoicos e os órficos, o deus da vida universal e o Grande-Tudo. Seu culto originou-se na Arcádia, espalhou-se pela Grécia e chegou a Roma, onde ele foi identificado ora com Fauno, ora com Silvano, deus das matas. De sexualidade brutal, sua aparição poderia provocar um terror “pânico”. Representado com chifres, cauda e pés de bode, e com uma flauta, ele protegia os rebanhos e se divertia com as ninfas.

<sup>52</sup> *Sub tegmine fagi* é uma expressão de Virgílio (*Bucólicas*, I, 1) que significa “à sombra da faia”. Já no início da primeira égloga virgiliana, encontramos o espaço mental e sensorial do prado pongiano nas palavras que o pastor Melibeu dirige ao pastor Títilo: “Títilo, tu, deitado à sombra da copada faia, modulas uma cantiga rústica com a pequena flauta; nós deixamos os territórios da pátria e os seus campos amenos; nós abandonamos a pátria; tu, Títilo, tranquilo à sombra, ensinas as florestas a repetir o nome da bela Amarilis” [Tityre, tu patulae recubans sub tegmine fagi, / Silvestrem tenui musam meditaris avena: / Nos patriae fines et dulcia linquimus arva; / Nos patriam fugimus: tu, Tityre, lentus in umbra, / Formosam resornare doces Amaryllida silvas]. Tradução de José Lodeiro. *Traduções dos textos latinos*. Porto Alegre: Globo, 1958, p. 339.

<sup>53</sup> Ver supra, p. 39, e nota 17.